



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE AUDIOVISUAL**

GEICIANE FEITOSA DE SOUZA

CONSTRUINDO CONHECIMENTOS NO ESPAÇO NÃO CONVENCIONAL:
experiência com audiovisual no Estabelecimento Penal Feminino de Regime
Semiaberto, Aberto e Assistência ao Albergado de Campo Grande - MS

Campo Grande – MS

2023

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



GEICIANE FEITOSA DE SOUZA

CONSTRUINDO CONHECIMENTOS NO ESPAÇO NÃO CONVENCIONAL:
experiência com audiovisual no Estabelecimento Penal Feminino de Regime
Semiaberto, Aberto e Assistência ao Albergado de Campo Grande - MS

Monografia apresentada como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Experimental II do Curso de Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientadora: Prof(a). Dra. Daniela Giovana Siqueira

Campo Grande – MS

2023

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: Construindo conhecimentos no espaço não convencional: Experiência com Audiovisual no Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência ao Albergado de Campo Grande - MS

Acadêmicos: Geiciane Feitosa de Souza

Orientadora: Daniela Giovana Siqueira

Data: 24/11/2023

Banca examinadora:

1. Daniela Giovana Siqueira
2. Marcio Blanco Chavez
3. Constantina Xavier Filha

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca destaca o compromisso com a discussão da relação entre cinema e educação apresentada no trabalho e recomenda a publicação em forma de artigo junto com a orientadora e aponta a relevância da pesquisa feita a partir de uma ação extensionista da universidade.

Campo Grande, 24 de novembro de 2023

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Daniela Giovana Siqueira, Professora do Magistério Superior**, em 24/11/2023, às 16:02, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Blanco Chavez, Professor do Magisterio Superior**, em 25/11/2023, às 10:34, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Constantina Xavier Filha, Professora do Magistério Superior**, em 28/11/2023, às 14:19, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4472341** e o código CRC **908960F1**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM AUDIOVISUAL (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.034820/2023-37

SEI nº 4472341



Dedico este trabalho a todas as mulheres que deixaram um pouquinho de si para que ele fosse possível.

Para minha avó, Joséfa Cezário Feitosa e minha mãe Maria do Carmo Feitosa pelo exemplo de força e por todo apoio, amor e carinho que me foi dado. Com todo amor!

Dedico, também, ao meu avô José Manoel Feitosa (in memorian). Saudade inexplicável.



AGRADECIMENTOS

À Daniela Giovana Siqueira, minha professora/orientadora, por todo aprendizado compartilhado e por toda atenção que me foi dada desde o início dessa pesquisa. A você, que tanto me ouviu e me orientou, não só na realização desse trabalho, mas, também, sobre eventos da vida. Agradeço por toda escuta atenta, por toda fala carinhosa e por todo abraço apertado, que, definitivamente, fizeram diferença em todo esse processo. Ter sido sua aluna/orientanda foi um dos maiores privilégios.

Aos meus sobrinhos, Leonardo Feitosa e Anthony Feitosa, por todas as risadas e companheirismo. Em busca de um futuro com mais possibilidades para todos nós.

À minha irmã, Jéssica Fernanda Feitosa pelo exemplo de força e por todo o cuidado com nossa avó.

Ao meu padrasto, Renato Fraga, por todo carinho, confiança e amparo que me foi dado durante todos esses anos. E, pelas risadas.

À minha companheira, meu amor, Bárbara de Carvalho, por todo amor, apoio e incentivo. Ter você ao meu lado é sinônimo de sempre querer mais, mais conhecimento, mais vontade de viver o novo... Obrigada por sempre me encorajar em todas as esferas da vida, sobretudo, no meio acadêmico. Que possamos seguir juntas aprendendo com a vida e vivendo-a intensamente.

À minha amiga, Gleiciane da Cruz, por todo amparo e carinho em todos esses anos de amizade, em especial, nesses dois últimos anos. Sem você, com certeza esse processo teria sido muito mais difícil.

A todos, que de uma forma ou outra, fizeram com que todo esse processo fosse possível. A vocês, todo o meu amor e carinho.



RESUMO

Este trabalho apresenta uma das atividades, sendo ela o cineclube, do projeto de extensão "O audiovisual na cidade: construindo conhecimento a partir de imagens e sons" da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, que foram realizadas no Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência ao Albergado (EPFRSAAA-CG) de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Dentro do universo de 17 sessões, foram produzidos e analisados 10 relatórios no segundo semestre de 2023. As sessões foram acompanhadas pela coordenação e orientação da professora Daniela Giovana Siqueira. O objetivo deste trabalho é refletir e debater sobre as experiências de cinema e educação em espaços não convencionais, trazendo como objeto de estudo o estabelecimento penal feminino. Fazendo com que essa experiência cineclubista coloque o audiovisual e o cinema como elementos capazes de permear diversos espaços, sobretudo, os não convencionais, possibilitando, assim, o desenvolvimento dessas mulheres e desse espaço. Concluindo que é necessário e possível atuar com o cinema nestes espaços, concebendo, assim, um educar através do cinema.

Palavras-chave: Cinema e educação. Cinema no estabelecimento penal. Audiovisual e educação. Espaços não formais de educação. Campo Grande, MS.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CINEMA EDUCATIVO E CINECLUBISMO. COMO SE ENVOLVEM E EM QUAIS LUGARES ELES PODEM ESTAR PRESENTES?	17
1.1 Cinema Educativo Na História Brasileira	17
1.2 Pensando Cinema E Educação	20
1.3 Cinema E Educação Em Espaços Não Formais de Educação	23
2. O INÍCIO DO PROJETO	33
2.1 Análise Dos Relatórios E Reflexão Sobre A Experiência	36
2.2 A Possibilidade De Observar	36
2.3 Incertezas Diante Do Espaço Não Escolar	42
2.4 A Presença Nas Exibições	46
2.5 As Internas No Encontro Com O Cinema E A Educação	48
3. CONCLUSÃO	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE	60

INTRODUÇÃO

O que eu busco e proponho nesta monografia, é ampliar os olhares sobre a relação do cinema com a educação para outros espaços, denominados no texto por espaços não formais de educação, que segundo Bortholazzi:

Educação não formal constitui a educação fora dos espaços escolares, e tem por finalidade desenvolver o ensino-aprendizagem de forma pouco explorada pela educação formal. Considerada uma modalidade de ensino, se desenvolve nos espaços não convencionais de educação. É considerada por alguns autores como intencional, pois sofre as mesmas influências do mundo contemporâneo que as demais formas de educação, mas pouco assistida pelo ato pedagógico. Nos anos de 1990 o grande destaque para a educação não formal foram mudanças que aconteceram nas áreas da economia, na sociedade e no trabalho. A aprendizagem em grupo passou a ser valorizada, incluindo os valores culturais, a aprendizagem e habilidades que são adquiridos fora dos espaços formais de educação. A educação não formal abrange áreas importantes sendo que: a primeira, diz respeito à aprendizagem política dos direitos do indivíduo enquanto cidadão; a segunda está relacionada ao trabalho e a capacitação deste indivíduo por meio da aprendizagem para que ele possa desenvolver seu potencial e habilidades; a terceira área, onde e como o indivíduo aprende a se organizar de forma coletiva para o enfrentamento dos problemas coletivos cotidianos; a quarta área, destina-se a escolarização formal do indivíduo em espaços diferenciados; por último, a quinta área, está voltada para a mídia, especialmente a eletrônica de igual importância às demais áreas. (BORTHOLAZZI, 2014, p.4-6).

Segundo Bortholazzi (Gohn, 2006, apud Bortholazzi, 2014, p.8) a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, as experiências são compartilhadas de forma coletiva no dia a dia. O educador é aquele com quem interagimos. A intenção é questionar o porquê do cinema e educação não chegarem em espaços descentralizados da sociedade. Com isso, busca-se analisar em que medida esses ambientes são passíveis de um atravessamento junto à educação.

O relato exposto, no presente texto, trata da minha participação como estagiária no projeto de extensão "O audiovisual na cidade: construindo conhecimento a partir de imagens e sons" que possui vínculo com a disciplina Comunicação Audiovisual na Educação, fazendo parte da grade curricular obrigatória do curso de Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), projeto esse que visualiza o audiovisual como meio para educação. Este projeto dá-se no Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência

ao Albergado (EPFRSAAA-CG) de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, todas as terças-feiras, no período da tarde.

Os momentos sob os quais reflito, mostram um pouco da ruptura sobre o pressuposto de que estabelecimento penal, ou qualquer espaço não convencional/não escolar, não são espaços educativos, revelando a potência desses espaços através da intervenção do audiovisual na vida dessas mulheres.

O projeto visa a exibição de filmes nacionais, e essa decisão parte da vontade de que elas possam conhecer mais sobre a produção realizada no Brasil, porém, não dispensando produções de outros países. Para efeito de documentação para a realização da pesquisa, a partir dessas sessões foram produzidos relatórios que registraram todos os fatos relevantes ocorridos desde o momento da entrada no estabelecimento penal até o momento dos debates que findam a atividade cineclubista daquele dia. Os relatórios possuem os seguintes campos: temas trabalhados pelo filme, dinâmica aplicada, comentários das internas e pontos que podem ser importantes. O trabalho não propôs a realização de entrevistas, apenas análise dos relatórios.

Desta forma, neste trabalho de conclusão de curso, no capítulo 1 apresentamos uma revisão bibliográfica a fim de identificar e posteriormente analisar pesquisas que se dedicassem a seguinte temática: cinema e educação em espaços fora da escola, não convencionais. Porém, foram encontrados apenas dois trabalhos que dialogam com essa proposta, como será apresentado no texto. Sendo assim, foi necessário ampliar o escopo bibliográfico para mapear um terreno histórico mais amplo sobre a presença do cinema junto à educação no país, identificando que essa presença se dá soberanamente em ambiente escolar.

No capítulo 2, apresentaremos uma análise mais detida sobre os conteúdos registrados pelos relatórios. Sendo esse trabalho realizado em um estabelecimento penal feminino de regime semiaberto, aberto e assistência ao albergado, se faz necessário pontuar sobre questões jurídicas do espaço penitenciário e sobre a questão de gênero.

Em 2004, foi criado o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN) que tem o papel de compilar informações estatísticas do sistema penitenciário brasileiro, por meio de um formulário de coleta estruturado preenchido pelos gestores de todos os estabelecimentos prisionais do país. A partir desse documento foi possível identificar que o estado do Mato Grosso do Sul apresenta a

9ª maior população prisional feminina do país, em termos absolutos, e figura como o estado que mais encarcera mulheres em todo o país, em termos proporcionais, com 113 mulheres presas para cada grupo de 100 mil mulheres. Uma reportagem da revista Azmina, sinaliza:

Nos últimos 20 anos, o encarceramento de mulheres aumentou cinco vezes no Brasil, de acordo com o Depen. Somos o terceiro país do mundo que mais encarcera as mulheres, revela o World Female Imprisonment List em 2022. Dados do Infopen Mulheres (de 2018) apontam que a maioria das presas é negra (62% pretas ou pardas), não terminou o ensino fundamental (66%) e tem até 29 anos (59%). Outro dado relevante (Depon, 2021) é que mais da metade (56%) das mulheres privadas de liberdade cometeram crimes relacionados ao tráfico de drogas, sem violência ou grave ameaça. E, conforme o ITTC, 7 em cada 10 afirmam que entraram no crime influenciadas pelos companheiros. (SUAREZ, 2023, n.p.).¹

Durante minha participação no projeto não foi possível realizar o levantamento sobre quais mulheres estavam em regime semiaberto ou aberto naquele espaço e, também, não é um tema que busco me aprofundar em minha pesquisa, porém, se faz necessário pontuar quem são essas mulheres que estão sendo encarceradas, e por que estão sendo encarceradas. Segundo Juliana Borges:

68% das mulheres encarceradas são negras, e 3 em cada 10 não tiveram julgamento, consideradas presas provisórias. 50% não concluíram o ensino fundamental e 50% são jovens, sendo esta média de mulheres em torno de 20 anos. Ou seja, o encarceramento segue como uma engrenagem profunda de manutenção das desigualdades baseadas na hierarquia racial e tendo no segmento juvenil seu principal alvo. (BORGES, 2018, p. 91)

Em relação a questões jurídicas sobre o funcionamento dos regimes semiaberto e aberto, a Agência Estadual de Administração do Sistema Penitenciário (AGEPEN) define quais são as diferenças entre eles:

O regime semiaberto é para condenações entre quatro e oito anos, não sendo caso de reincidência, o detento poderá iniciar o cumprimento de sua pena em regime semiaberto. Nesse tipo de regime, a execução da pena ocorre em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar, permitindo que a pessoa trabalhe ou faça cursos (segundo grau, superior, profissionalizantes) fora da prisão. Já o regime aberto é imposto para condenados até quatro anos sem que tenha reincidência ao crime. A detenção é feita em casa de albergado ou em outro estabelecimento adequado. O regime aberto está baseado na autodisciplina e senso de responsabilidade do condenado, podendo ausentar-se do local de cumprimento da pena durante o dia para trabalhar, frequentar cursos ou

¹Mulheres presas: de humanas a números. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-presas-de-humanas-a-numeros/>

exercer outra atividade autorizada, devendo permanecer recolhido durante o período noturno e nos dias de folga. (AGEPEN, 2017)²

Trago essas breves informações, porém extremamente esclarecedoras, para que haja um entendimento sobre como o sistema carcerário opera sobre essas pessoas em privação de liberdade.

Essa monografia apropria-se dos relatórios para construir uma linha de raciocínio e traz, consigo, um relato reflexivo dessa experiência intensa e inovadora que vivi junto dessas mulheres, demonstrando que é possível aprender e desaprender com o cinema, e que são nessas trocas que o conhecimento se modifica.

É importante pontuar que essa experiência no estabelecimento penal se fez possível por conta do projeto de extensão "O audiovisual na cidade: construindo conhecimento a partir de imagens e sons" que segundo o texto da proposta, tem por finalidade:

Educar o olhar de alunos e comunidade escolar para a arte cinematográfica e audiovisual, por meio da apresentação de filmes e promoção de debates em torno das obras, tendo por objetivo a aprendizagem da linguagem audiovisual e a reflexão sobre a sociedade a partir dos filmes.

Se faz necessário compreender o que são projetos de extensão e qual o papel desses projetos perante a comunidade universitária e a não universitária. Segundo documento presente na Biblioteca Prof. Lydio Machado Bandeira de Mello, da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG):

Os projetos de extensão são aqueles que ampliam a atuação do campus universitário para além das salas de aula. Ou seja, a articulação prática do conhecimento científico do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social. O objetivo principal das atividades de extensão é a troca de conhecimentos. Além de levar os conceitos e aprendizados desenvolvidos no ambiente acadêmico à comunidade não universitária, a instituição e, conseqüentemente, os alunos que participam desse tipo de atividade aprendem as necessidades, anseios, aspirações e saberes da comunidade, socializando e democratizando o conhecimento. (UFMG, 2021, n.p.)

Diante dessa iniciativa, percebe-se a importância de projetos de extensão dentro da universidade, possibilitando outros olhares e outras vivências, e não só aquelas presentes dentro na universidade, mas que excedem os muros da mesma,

²CNJ esclarece os critérios para progressão de regime de penas. Disponível em: <https://www.agepen.ms.gov.br/cnj-esclarece-os-criterios-para-progressao-de-regime-de-penas/>

viabilizando o contato dos alunos com outras realidades, fazendo com que possamos ocupar múltiplos espaços e que a sociedade possa, também, se privilegiar desses conhecimentos.

1 CINEMA EDUCATIVO E CINECLUBISMO. COMO SE ENVOLVEM E EM QUAIS LUGARES ELES PODEM ESTAR PRESENTES?

Este capítulo apresenta uma contextualização histórica e teórica sobre o cinema educativo no Brasil, refletindo sobre como o cineclubismo pode fazer parte dessa esfera educativa. Este apanhado histórico e teórico objetiva relacionar e compreender os percursos do cinema educativo e do cineclubismo em nossa sociedade, tendo em vista o objeto de pesquisa desta monografia, uma ação que tem o audiovisual como aliado na construção de conhecimento em ambientes educacionais não convencionais, mas aqui não nos propomos fazer um percurso exaustivo. Antes, propomos identificar iniciativas da esfera pública, privada e pesquisas acadêmicas feitas no país, a fim de estabelecer um panorama sobre questões que interessam mais diretamente à nossa abordagem.

1.1 Cinema educativo na história brasileira

O cinema no Brasil, segundo uma historiografia clássica presente na bibliografia, surgiu no final do século XIX, momento que veio acompanhado de diversas discussões sobre qual seria sua importância na sociedade. Em vários países do mundo, muitos já sabiam da sua potência enquanto entretenimento, mas, para além disso, o que mais ele poderia ser? Onde mais ele poderia se encaixar para além das salas de cinema? Ao longo das duas décadas seguintes, muitos cineastas, pesquisadores, pensadores, intelectuais e educadores perceberam no cinema um outro modo de ver, de aprender e de sentir. Levando em consideração sua potencialidade, eles notaram que o cinema poderia estar em muitos outros lugares, inclusive junto da educação.

O cinema está presente na educação há muito tempo, sendo um dos eixos sobre os quais a mídia-educação está centrada, pois o cinema está presente na educação desde a década de 30 e teve presença marcante na década de 60, a partir das revistas Cahiers du Cinéma e Screen, versando sobre a política dos autores, sobre o enfoque semiológico e a partir de experiências em associações culturais do tipo cineclubes, círculos de cinema, cineforum,

que envolviam a projeção de filmes para um público com um projeto educativo e de sensibilização em relação ao cinema. (FANTIN, 2006, p. 1-2).

Essas revistas citadas por Fantin (2006) tinham por finalidade popularizar artigos sobre o cinema, escritos por diretores e críticos de cinema como André Bazin, Jean-Luc Godard e François Truffaut. Segundo Fantin (2006), a revista *Screen*, tinha, por sua vez, enfoque semiótico, fazendo análises ideológicas e psicológicas dos filmes.

Foi no início do século XX que intelectuais, políticos, educadores e cineastas iniciaram projetos de implementação do cinema nas escolas, pensando em sua potencialidade de ensino, e no que ele poderia ser útil para a sociedade se vinculando à educação. Segundo Catelli (2005), diversos movimentos participaram dessa tentativa de se fazer cada vez mais crescente o pensamento do cinema vinculado à educação. Pessoas e movimentos se juntaram a essa iniciativa, sendo eles os movimentos anarquistas, setores da igreja católica e os educadores da escola nova. Já Eduardo Morettin (2013), sobre uma perspectiva brasileira, indica como o cinema educativo foi apoiado pelas revistas especializadas em cinema, que acolhem em suas páginas os autores de cinema e educação, contribuindo para a divulgação das suas ideias. “A preocupação ética e moral dos educadores - um dos temas do projeto - vai ao encontro da procura de “seriedade” que estes críticos querem dar ao cinema, a fim de aumentar a sua aceitação no restante da sociedade” (MORETTIN, 2013, p.113).

O presidente Getúlio Vargas, em 1932, aprovou a lei sobre a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais. Anos depois, em 1936, Roquette Pinto criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). O INCE tinha a tarefa de produzir filmes educativos para auxiliar em disciplinas como história, biologia, geografia etc; proporcionando aos alunos outra forma de ver e aprender. Ou seja, o cinema era utilizado como uma ferramenta pedagógica nas escolas. Humberto Mauro, cineasta, diretor, fotógrafo e montador, foi encarregado de realizar estes filmes. Mauro realizou 357 filmes no INCE entre 1936 e 1964, quando o instituto deixou de existir (SCHVARZMAN, 2003).

Após o fim do INCE, não houve nenhuma outra política pública voltada para o cinema e a educação. Foi a partir dessa inexistência de projetos direcionados para cinema e educação que a sociedade civil se mobilizou a fim de realizar movimentos que recuperassem todos os estudos e práticas que indicavam a relevância da utilização do cinema como ferramenta educacional. Tais projetos eram tanto de

iniciativas públicas, como privadas, sendo uma delas o Cineduc - Cinema e Educação. O Cineduc é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1970 no estado do Rio de Janeiro e em funcionamento até os dias atuais. Em seus 40 anos de existência, o Cineduc passou por três fases bem distintas. Na primeira fase, de 1970 a 1980, o trabalho desenvolvido era feito em escolas privadas, com um curso de duração de 3 anos, e, ao final do curso, eram produzidos filmes. Na segunda fase, de 1980 a 1990, o projeto se estendeu para escolas públicas, e foram criados cursos livres. A entidade conseguiu levar essa experiência do cinema e educação para outros estados brasileiros e a vários países da América Latina através da Organização Católica de Cinema da América Latina (OCIC-AL). Também foram oferecidos cursos de formação para professores. Em sua terceira fase, a partir de 1990, o Cineduc se filiou ao Centre International du Film pour l'Enfance et la Jeunesse (CIFEJ), órgão da UNESCO, o que trouxe reconhecimento internacional ao percurso desenvolvido pela entidade. Em suas realizações atuais, a entidade realiza curadorias para festivais, sessão de filmes para crianças no Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro, e consultorias para a Secretaria Municipal de Educação da cidade.

A Rede Latino-Americana de Educação, Cinema e Audiovisual (REDE KINO), criada em 2009 e existente até a atualidade, foi mais uma dessas iniciativas. Pensada por professoras, pesquisadores, produtores e estudantes, objetiva difundir e viabilizar o cinema em sua interface com a educação por todo o país.

Considerando a importância do cinema e do audiovisual no campo da educação e da cultura nas sociedades contemporâneas e a necessidade da ampliação e consolidação de discussões e práticas relativas a esta temática e à educação do olhar, em especial, reuniram-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, nos dias 7 e 8 do mês de agosto de 2009, professores, pesquisadores, produtores, estudantes e representantes de outras organizações do âmbito do cinema e audiovisual, abaixo assinados, para a criação da Rede Latino-Americana em Educação, Cinema e Audiovisual, Rede Kino. A iniciativa surge de encontros proporcionados pela participação dessas pessoas em seminários, congressos acadêmicos e mostras de cinema dentro e fora do país e também do desejo de compartilhar experiências e somar esforços para tratar questões relativas à articulação entre educadores, pesquisadores, cineastas, produtores e gestores da educação. (Rede Kino, 2009).

Outra iniciativa de destaque é o Laboratório Educação, Cinema e Audiovisual da Faculdade de Educação do Rio de Janeiro (CINEAD/LECAV), que consiste no desenvolvimento de atividades de pesquisa, ensino e extensão vinculando políticas e pedagogias do cinema e da educação. Apresenta parceria com escolas públicas de

Educação Básica, a Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM-Rio), o Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira (IPPMG) e o Hospital Universitário da UFRJ.

Para além das entidades e projetos que desenvolvem o pensamento em cinema e educação no Brasil e no mundo, temos, cada vez mais, pensadores e pesquisadores que se interessam por essa perspectiva de ensino. Este movimento pode ser percebido, por exemplo, pelo crescimento das pesquisas no meio acadêmico, fóruns, conferências e seminários realizados em todo o mundo, fazendo com que esse debate seja amplo e acessível para a sociedade.

1.2 Pensando cinema e educação

Segundo Melo (Favaretto, 2004, apud Melo, 2014, p. 15), “para refletir sobre o papel educativo do cinema, é preciso questionar ideias sacralizadas sobre pensamento, juízo e gosto, buscando experiências reflexivas, de modo a pensá-lo como um dispositivo de problematização da cultura”. O cinema é um mundo que permite muitas possibilidades de se ver, ouvir e falar. É uma linguagem universal que ultrapassa as barreiras culturais e linguísticas de todo o mundo. Para Paulo Freire (1998), a inserção do ser humano no mundo é perpassada por um permanente movimento de procura, que pode levar à curiosidade ingênua ou à crítica. Pensar o cinema e a educação nessa perspectiva nos permite perceber que, quando o cinema é percebido apenas como entretenimento, não havendo uma reflexão crítica por parte dos espectadores, se configura em uma espécie de “curiosidade ingênua”. Porém, quando esse olhar vai para além do entretenimento e da observação simples, inicia-se um movimento de crítica, ampliando as possibilidades de reflexão e apreciação do espectador para diversas questões sobre/com as quais o cinema opera.

A ideia a ser compreendida é que o filme não deve ser entendido passivamente, nem seus significados “fixados” textualmente. A relação entre um filme e seu público, entre o filme e a cultura são todas elas relações que precisam ser vistas com a máxima importância para o entendimento da forma e função do longa-metragem. Compreender um filme não é essencialmente uma prática estática, é uma prática social que mobiliza toda a gama de sistemas no âmbito da cultura. [...] Mas minha intenção tem sido oferecer uma introdução àqueles que parecem ser os meios mais proveitosos para entender o lugar do cinema em nossa existência social, a natureza específica dos prazeres que proporciona e as arraigadas funções sociais servidas por

essa combinação de narrativa, som e imagem. Espero que seja o começo e não a conclusão de um interesse pela prática social do cinema". (TURNER, 1997, p. 169 - 170).

Rosália Duarte (2002) defende que a democratização do acesso e apreciação ao cinema é elemento fundamental para construir um outro debate a respeito da indústria cultural, de modo a permitir a existência de pensamento crítico sobre toda e qualquer produção. Para conhecer o cinema, faz-se necessário compreender as diversas dimensões que o envolvem, bem como ler sobre filmes, assisti-los e discuti-los com diversos sujeitos que tecem diferentes olhares, e assim construir a ideia de cinema como arte de muitas nuances a serem analisadas.

De acordo com o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1979), a experiência das pessoas com o cinema contribui para desenvolver o que se pode chamar de "competência para ver", isto é, uma certa disposição, valorizada socialmente, para analisar, compreender e apreciar qualquer história contada em linguagem cinematográfica. Entretanto, o autor assinala que essa "competência" não é adquirida apenas vendo filmes; a atmosfera cultural em que as pessoas são imersas - que inclui, além da experiência escolar, o grau de afinidade que elas mantêm com as artes e a mídia - é o que lhes permite desenvolver determinadas maneiras de lidar com os produtos culturais, incluindo o cinema. (DUARTE, 2002, p. 13-14).

Duarte (2002), ao refletir sobre como o cinema é acessado/apreciado (ou não) na sociedade brasileira, destaca a importância do cinema como ferramenta educacional e sua possibilidade de ampliar o pensamento crítico. Segundo a autora, a socialização se torna um mecanismo por meio do qual o indivíduo interioriza as regras sociais e assimila, de modo mais ou menos pacífico, as normas que a sociedade impõe aos que dela desejam participar.

Filmes são uma fonte muito rica de pesquisa sobre temas e problemas que interessam aos pesquisadores da área da educação. A análise comparativa de diferentes cinematografias pode fornecer um vasto material para estudo e reflexão acerca de estratégias de escolarização e de transmissão de saberes adotadas por diferentes culturas em diferentes sociedades. Esse tipo de análise pode ser feita de várias maneiras. Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e de informação. (DUARTE, 2002, p. 105 - 106).

Os cineclubes desempenham um papel vital na difusão do cinema ao redor do mundo, fazendo com que haja discussões que estimulam análises mais aprofundadas de produções cinematográficas. Segundo Gusmão (2008), os

cineclubes foram fundamentais para a formação de núcleos de discussão intelectual sobre cinema em diversos lugares do mundo.

As atividades promovidas pelos cineclubistas na América Latina (especialmente no Brasil, Argentina e Cuba)⁷, respeitando as especificidades de cada país, foram responsáveis pela abertura de um intenso debate intelectual internacional sobre os impasses da implantação de uma indústria cinematográfica com preocupações sócio-culturais em países com mercados onde a hegemonia da produção norte-americana já era preponderante. Esses debates foram marcados pela discussão da renovação temática para a produção de cinema nacional, destacando o cinema como produto cultural. Nas diversas revistas e boletins informativos dos cineclubes observam-se discussões teóricas nas quais o cinema comparece como importante meio para difusão cultural e formação de públicos com elevada capacidade crítica. (LISBOA, 2007, apud GUSMÃO, 2008, p. 7 - 8).

Pode-se pensar que o cinema se constrói e se cria no olhar de cada um, tornando-o uma arte multifacetada, onde cada indivíduo carrega consigo uma experiência diferente ao olhar para uma obra. Partindo desse pensamento, o cineclubismo promove diálogos que possibilitam ao espectador expandir os horizontes em relação às produções cinematográficas, expressando suas análises, opiniões e questionamentos. O cineclubes dá aos participantes a oportunidade de aprender uns com os outros. Quando a perspectiva pessoal é compartilhada, se enriquece o conhecimento do outro, constituindo assim, um aprendizado coletivo. É um movimento que oferece ao público diversas perspectivas do cinema através de variadas interpretações, expandindo os debates sobre o cinema, permitindo uma visão mais aprofundada e ampla.

A Secretaria do Audiovisual compreende, segundo depoimento do secretário do Audiovisual, que o cineclubes é a maneira mais ativa, coletiva e penetrante de acúmulo da cultura cinematográfica. Ao longo do tempo tem se mostrado a forma mais dinâmica de relacionamento com essa cultura, pois além de possibilitar a assistência de filmes, a atividade cineclubista pode incluir em sua programação, informação histórica, crítica sobre os filmes e a partir dos comentários a reflexão sobre esse exemplar expressão artística. (GUSMÃO, 2008, p. 12)

O cinema se mantém vivo perante a sociedade, mas é preciso que mais pessoas tenham acesso a ele, que discussões sejam levantadas cada vez mais. Uma possibilidade de prática que faz esse papel, é o cineclubismo, espaço privilegiado para democratizar o cinema, garantindo que mais pessoas tenham a experiência de ver, ouvir e debater sobre filmes. Para Antoine de Baecque (2010, p. 32) “O cinema exige que se fale dele. As palavras que o nomeiam, os relatos que o narram, as

discussões que o fazem reviver. Tudo isso modela sua existência”. Cinema e cineclubismo caminham juntos, pois é no cineclube que os filmes vivem, que o cinema vive, é a partir desse movimento que a história do cinema continua a ser contada.

Isolado, um filme é pobre; agrupado com alguns de seus irmãos, ganha em densidade; considerado sob o fogo cruzado de uma “recepção cinéfila”, esse momento expande seu sentido; propensa a gestos, essa acolhida é suscetível de esclarecer uma maneira de contar e compreender a história do cinema. (BAECQUE, 2010, p. 37).

Pensar cinema e cineclubismo, é pensar espaços e pessoas. É necessário averiguar os espaços em que se materializam os cineclubes, para além dos muros das escolas e universidades. É fundamental avaliar esse movimento de acesso e apreciação, criando políticas públicas que garantam a democratização do cinema. Segundo o Art. 215, da Constituição Federal:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, n.p.).

Deste modo, percebemos que está previsto na Constituição Federal (1988) o direito à educação e a cultura. Contudo, o acesso ao cinema depende de fatores econômicos, culturais e sociais, uma vez que os altos preços dos ingressos dificultam a entrada nesses espaços, bem como a distância entre o cinema e as moradias. Tais desigualdades constroem um impedimento de acesso e apreciação à cultura, restringindo as possíveis perspectivas sobre o cinema.

O cineclubismo objetiva manter viva a história do cinema por meio de pensamentos compartilhados, pelos diversos debates e conflitos que os filmes proporcionam. Concordando que o cinema pode ser pensado e criado em múltiplos lugares, Fernanda Omelczuki (2016) analisou a possibilidade de ensinar e fazer cinema com crianças e jovens em um hospital.

Experiências de cinema podem ser uma prática pedagógica no hospital?
Qual o lugar do cinema na experiência de construção de conhecimento no

espaço hospitalar? Como o cinema pode contribuir para as aprendizagens que acontecem nesse contexto? (OMELCZUKI, 2016, p. 32)

Para a autora, aprender com imagens e sons, é uma ação pedagógica e política. Assim sendo, ensinar no hospital não será apenas uma experiência para as crianças internadas, mas também para os docentes, porque ambos estão lidando com uma situação nova e aprendendo como lidar com aquele espaço. Para ambas as partes é uma experimentação.

Com as experiências de cinema podemos vislumbrar um pouco o invisível, pensar o impensado e ouvir o inaudível que atravessa o dia a dia das crianças no hospital. As atividades de criação nos colocam em suas macas, nos dão a perspectiva de suas alturas na vista pela janela, nos vestem com suas máscaras, nos aproximam de suas bombas de medicamento - a câmera nos empresta seus olhos. Nesse sentido apostamos dizer que o cinema no hospital nos leva a pensar no espaço hospitalar e suas possibilidades pedagógicas não apenas sob o ponto de vista do aprendente, mas também do docente: nosso terceiro ponto de vista. O que é ser professor nesse espaço errante? Como planejar em meio ao imprevisível e aos permanentes deslocamentos? Como a experiência de cinema no hospital pode contribuir para a formação de futuros professores em áreas variadas? (OMELCZUKI, 2017, p. 45 - 47).

Pensar o cinema junto à educação, a partir de um projeto comprometido com uma sociedade mais justa e igualitária, inclui inseri-lo em outros espaços educativos além da instituição escolar. Em sua tese “O que aprendemos quando se aprende cinema no hospital?”, a pesquisadora afirma: “Cinema no hospital não é caridade, porque educação e cultura não são caridade, são direitos” (OMELCZUKI, 2017, p. 146).

A partir desse argumento, compreendemos que cultura e educação precisam estar presentes em todos os espaços, fazendo o movimento para além dos muros das escolas e universidades.

1.3 Cinema e educação em espaços não formais de educação

Hoje em dia torna-se necessário questionar o porquê do cinema e educação não chegarem em espaços descentralizados da sociedade. Está presente nas universidades e escolas, mas ausente nas prisões. Porém, é necessário pontuar que ainda existem carências nesses espaços, também. Nas escolas, por exemplo, existe a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, do § 8º ao art. 26 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de

produção nacional nas escolas de educação básica. Segundo a lei “§ 8º A exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais.” (NR). Ou seja, ainda existem muitas restrições sobre esses espaços, sendo necessário uma lei para que filmes nacionais sejam exibidos. Se nas escolas ainda se encontra essas dificuldades, em espaços como prisões, centros de reabilitação para dependentes químicos, Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), entre outros espaços onde também existem cidadãos de direito a situação encontra-se ainda mais crítica. Nesse movimento de reflexão, percebe-se que a exclusão social é uma das principais causas dessa segregação. As realidades diversas e desiguais, resultam em processos culturais, socioeconômicos e políticos que orientam grande parte da população para a exclusão. Um dos fatores que dificultam esse acesso é a falta de políticas públicas apropriadas, sendo necessário um empenho para que o acesso ao cinema e educação sejam garantidos e acessíveis para todos. Para além disso, também é necessário que haja um empenho coletivo de toda a sociedade, e não só por parte de órgãos governamentais.

Neste trabalho de conclusão de curso, construímos uma revisão bibliográfica como estratégia metodológica, a fim de identificar e posteriormente analisar pesquisas que se dedicassem a seguinte temática: cinema e educação em espaços não convencionais. Porém, foram encontrados apenas dois trabalhos que dialogam com essa proposta, como será apresentado logo abaixo. Notamos, então, que seria necessário pensar questões relacionadas ao deslocamento do espaço a partir de pontuações recolhidas junto a pesquisadores que trabalhassem a perspectiva do cinema e educação na escola. O intuito foi o de construir pontes entre os diálogos sugeridos nesses trabalhos com a proposta de nossa investigação. Junto da análise dos estudos encontrados, foi realizada uma revisão teórica da temática a partir de outros autores da área do cinema e da educação, que contribuíssem para pensar a importância do cinema e da educação.

Vanusa Maria de Melo (2014), em sua dissertação de mestrado, objetivou analisar experiências e práticas docentes a partir da exibição de filmes em escolas prisionais do estado do Rio de Janeiro. Segundo a autora, sua pesquisa busca apresentar uma reflexão sobre o lugar ocupado na prática docente por tais atividades, bem como a maneira como os estudantes entendem tais experiências e como elas transcorrem em um ambiente de privação de liberdade e priorização da segurança,

convivendo cotidianamente com questões muitas vezes antagônicas, como punir e educar.

Melo (2014) buscou compreender como os professores do ensino convencional usam o cinema como um apoio didático nas escolas prisionais. Porém, antes de adentrar nesses espaços, compartilha as dificuldades de realizar pesquisa em um ambiente prisional. Segundo a autora é importante analisar os sujeitos que são autorizados e facilitados a estar ou não nesses espaços, considerando que para grupos religiosos o acesso era mais fácil, enquanto para professores, que estão ali para ensinar um novo jeito de ver o mundo, por vezes, são oferecidas mais resistências. Dentro das observações apontadas pela pesquisadora, é possível observar o sistema prisional não somente como um espaço de privação de liberdade, mas também de privação ao acesso à educação.

Por cerca de três anos ouvi negativas às minhas sugestões de trabalho na prisão, uma vez que tais espaços, por alegados motivos de segurança, apresentam dificuldades para entrada de voluntários. Grupos religiosos, entretanto, podem ter maior facilidade nesse empreendimento. (MELO, 2014, p.13).

Quando falamos em acesso, existe uma parte da população que não usufrui desse direito. Segundo o IBGE, entre as pessoas pretas ou pardas com 15 anos ou mais de idade, 7,4% eram analfabetas, mais que o dobro da taxa encontrada entre as pessoas brancas (3,4%). No grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo dos brancos foi de 9,3%, enquanto entre pretos ou pardos ela chegava a 23,3%. Ou seja, é importante reconhecer que há um abandono por parte do Estado em relação a essas pessoas que foram historicamente marginalizadas, fazendo com que haja uma perpetuação dessas desigualdades historicamente postas.

De onde surgiu essa ideia de privação de liberdade como pena, como que as prisões passaram a ganhar este status corretivo, como se fosse possível moldar corpos. Como diz Angela Davis, não podemos acreditar em verdadeira liberdade e democracia enquanto existirem pessoas privadas de direitos e da própria liberdade. Infelizmente, encarceramento sempre significou mais do que privação de liberdade (BORGES, 2018, p. 21-96).

Melo (2014) realiza sua pesquisa sobre cinema e educação em escolas prisionais onde a educação convencional foi garantida, contudo, analisando um contexto macrossocial do Brasil, essa não é a realidade. Segundo o Art. 18-A, "O ensino médio, regular ou supletivo, com formação geral ou educação profissional de

nível médio, será implantado nos presídios, em obediência ao preceito constitucional de sua universalização.” (BRASIL, 1984). Apesar da existência de legislação, a maioria das prisões não garante o direito à educação.

As prisões, em sua maior parte, não têm o ensino como prioridade. E por quê? Historicamente o sistema prisional tem como foco a punição e a perpetuação de estigmas e estereótipos. Sendo assim, o acesso à educação, cultura, ou qualquer outro direito básico, não poderia fazer parte desse sistema pois essas pessoas em situação de privação de liberdade são “desumanizadas”. Esta negligência diária inviabiliza o projeto de ressocialização de pessoas privadas de liberdade.

Por cerca de três anos Melo (2014) ouviu negativas às suas sugestões de trabalho na prisão.

A ideia começou a ser concretizada somente em 2008, quando fui convocada, a partir de aprovação em concurso público, para assumir o cargo no magistério estadual. Buscando informações na internet, com a finalidade de escolher a melhor escola para trabalhar, descobri que havia escolas em muitas das prisões do Rio de Janeiro, assim como nas unidades de medidas socioeducativas, ligadas ao DEGASE, órgão que atende menores em conflito com a lei. Optei inicialmente por uma dessas unidades, localizada em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, onde permaneci por apenas oito meses, pois atuar com os adolescentes trazia um elemento que naquele momento não me interessava: a obrigatoriedade do ensino, garantida pela lei 9394/96. Para que esse aspecto não se tornasse um ato de coação, era fundamental criar estratégias de “sedução” dos adolescentes para o estudo, o que gerava um desgaste físico e emocional para o qual não estava preparada naquele momento. Conviver com o rigor e o excesso da punição, que incluía em muitos casos, castigo físico, aplicados a adolescentes, criava em mim uma fragilidade que me impedia de ter a firmeza necessária ao trabalho com aqueles jovens. Solicitei, então, transferência para uma escola situada em um presídio. Assim, a partir de maio de 2009, passei a trabalhar em um presídio masculino, na zona norte do Rio de Janeiro. O caráter opcional da frequência às aulas, bem como o benefício da remição de pena por estudo, já praticada (embora ainda não com garantias legais), trazia o estímulo de que eu precisava para propor aos estudantes projetos que ampliassem os horizontes da sala de aula. (MELO, 2014, p. 13 - 14).

O intuito de Melo (2014) era registrar essas experiências e realizar entrevistas com os docentes e discentes das escolas prisionais após as experiências. Além disso, são apresentados dados do sistema penitenciário que colaboram para verificar o quanto o Estado do Rio de Janeiro tem investido para a garantia do direito à educação. Melo (2014) pontua que por ser uma produção acadêmica acerca das práticas educacionais em ambientes de privação e restrição de liberdade, é possível

que o trabalho contribua para os debates em torno da importância de práticas docentes na construção de uma educação para a liberdade.

Para além de dificuldades encontradas em seu processo nos presídios, ela também ouviu as dificuldades encontradas por colegas de trabalho. Melo (2014), relata:

No mês de novembro de 2013, quando já finalizava minhas idas a campo, participei de encontro do Fórum EJA Rio, em mesa cujo tema foi "o ensino de jovens e adultos no sistema prisional do Estado do Rio de Janeiro". No evento, tive oportunidade de falar sobre as experiências vividas na escola, relatar algumas atividades e refletir sobre a garantia do direito de pessoas privadas de liberdade à educação. Durante o momento de participação com perguntas da plateia, a professora Beatriz quis saber se não me sentia solitária ao realizar as atividades relatadas, pois ela sentia exatamente isso: solidão. (...) Segundo relatou, tinha muitas dificuldades para realizar qualquer trabalho com filmes, pois o diretor da unidade prisional – e não da unidade escolar – exigia ver os filmes para liberá-los para exibição na escola e o procedimento, além de provocar demora na execução do trabalho, era limitador, pois quase sempre havia recusa. A situação vivida remete ao texto de André (1995, p. 28), para quem a intensidade da interação com o que envolve o campo em estudo leva, muitas vezes, o pesquisador a afetar a situação e por ela ser afetado. (MELO, 2014, p. 62 - 63).

Observando essas situações, a maioria dos impedimentos eram postos nas questões burocráticas, antes da ida às escolas - parte prática do trabalho. Sendo assim, o problema talvez não estivesse na "falta de segurança" das escolas prisionais, e sim, segundo Melo (2014), nas possíveis "interferências potenciais ou reais". Interferências essas que partem de pessoas que não estão naquele espaço diariamente, e que têm por objetivo levar para dentro dos presídios outras formas de ver e pensar o mundo. Consciente ou inconscientemente os funcionários dessas instituições imaginam que essas pessoas que estão em privação de liberdade não mereçam esses direitos. Melo relata uma situação com um funcionário de uma escola prisional:

Ao passar pela portaria do presídio B às 12h30min, de uma segunda-feira, na segunda quinzena de agosto, o funcionário que acompanhava o registro de minha entrada perguntou meu objetivo ali, após ler os termos da autorização, que eram genéricos e anunciavam entrada de uma pesquisadora de pós-graduação. Depois que respondi, ele comentou: - Então, além de passar filminho pra bandido, ainda tem quem venha estudar isso? (MELO, 2014, p. 66).

Cinema é uma forma de libertação, e o seu poder reverbera sobre as perspectivas de mundo, trazendo novas ideias e visões. No contexto prisional, essa

“libertação” por meio do cinema e da educação se tornam limitadas pelas condições impostas pelo sistema, onde a prioridade está no punir e restringir.

O segundo trabalho que encontramos e que parte da perspectiva do cinema em espaços não convencionais foi desenvolvido pela pesquisadora Fernanda Omelczuk (2016), que buscou compreender como o cinema e a educação poderiam fazer parte da rotina em um hospital, tendo como foco os pacientes, sendo estes, jovens e crianças. O objetivo da pesquisa de Omelczuk (2016) é investigar o projeto de extensão “Cinema no hospital?” que acontece desde 2011 no Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – IPPMG – hospital universitário pediátrico da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como desdobramento, a pesquisa analisa também a oficina de cinema *Haciendo Cine en el hospital*, realizada no Instituto Nacional de Oncologia y Radiobiologia – INOR em Cuba. Foram três os objetivos específicos: 1) entender de que modo o cinema pode? habitar o território hospitalar; 2) conhecer o que acontece no encontro das crianças com as experiências de cinema no projeto “Cinema no Hospital?” IPPMG e na oficina *Haciendo Cine en el Hospital*, Instituto Nacional Oncología y Radiobiología (INOR); e 3) identificar algumas reverberações como produção de conhecimentos e subjetividades mobilizados e construídos nas duas experiências de cinema supracitadas.

Omelczuk busca entender como o cinema poderia fazer parte desse ambiente, levando consigo a pergunta: aprender cinema e/ou aprender com o cinema? E no decorrer de seu trabalho, foi possível perceber que ambas as situações mostraram-se factíveis. Cinema e educação em espaços escolares, muitas vezes implica em um ensino convencional, mesmo o cinema sendo tão amplo, com diversas formas de aprender a vê-lo e fazê-lo, estando dentro de instituições de ensino, ele pode ser moldado pelo modelo de ensino convencional das escolas, seja consciente ou inconscientemente. Mas quando o ambiente é outro, sendo esses não convencionais, a dinâmica pode vir a mudar, pois são espaços diferentes com pessoas distintas e situações de vida diversas, pontos esses que devem ser levados em consideração no ensino do cinema, pois adaptá-lo para outros ambientes é necessário.

Como ensinar e exibir cinema em um hospital, em que as condições são completamente imprevisíveis e as inseguranças estão presentes a todo momento? Como fazer com que as crianças e jovens se conectem com esse projeto? Quando

se trata de vivenciar um ato de ensinar, questionamentos sobre a forma de ensino surgem, e com ela a insegurança de quem está à frente do processo, aspectos que podem ser observados no trabalho de Omelczuk (2016). É necessário levar em consideração as particularidades desses espaços não escolares para que a aprendizagem ocorra de uma forma fluida e significativa.

De que modo o cinema, junto às condições adversas do hospital, constituem uma oportunidade para que a educação possa se reinventar nesse e em outros espaços? Que práticas, aprendizagens e pedagogias podem nascer no desafio de habitar esse ambiente imprevisível e instável? (OMELCZUK, 2016, p. 36).

Destacamos também que Omelczuk (2016) encontrou poucas pesquisas que se utilizassem das práticas de cinema em espaços não escolares: apenas cinco. A autora realizou buscas no portal CAPES para encontrar dissertações e teses de todos os estados do Brasil e em universidades de Cuba. Em seu trabalho ela pontua essas instituições. Na internet a autora encontrou o site do Centro de Estudos sobre Recreação, Escolarização e Lazer em Enfermarias Pediátricas (CERELEPE). Sobre os trabalhos encontrados a autora ponderou:

Analisando o material encontrado verificamos que a maior parte dos estudos brasileiros que envolvem cinema, aprendizagem e criação estudam práticas dentro das 41 escolas, seja no horário oficial ou extra turno. Encontramos apenas 5 pesquisas sobre projetos e práticas com cinema em contextos não escolares, sem contar as pesquisas que investigam os cineclubes, que não foram incluídas por constituírem um universo mais extenso e específico. Merece destaque a dissertação de Norton (2013), que analisando as relações entre técnica e criatividade no ensino audiovisual descreve uma oficina extra escolar em uma comunidade de Angra dos Reis (Rio de Janeiro). A dissertação de Reyes (2013) sobre o projeto educacional Escaramujo em Havana sistematiza uma oficina audiovisual a partir dos parâmetros da educação popular; e a de Larea (2013) e Hernández (2013) que também estudam oficinas audiovisuais em contextos não escolares, especificamente junto a crianças diabéticas do Centro de Atenção ao Diabético de Havana. A primeira investiga a prática de “vídeo cartas” como uma via possível de realização audiovisual neste ambiente. A segunda analisa a implantação do projeto de convivência fílmica para as crianças nessa situação. (OMELCZUK, 2016, p. 40 - 41).

Apesar de indicar a falta, a autora não desenvolveu essa questão em seu trabalho, apenas pontuou que existe uma escassez e destacou quatro dessas pesquisas³. Mas para as reflexões desta pesquisa, é necessário pontuar que esse

³ Trabalhos identificados por Omelczuk: NORTON, Maíra. Cinema Oficina: técnica e criatividade no ensino do audiovisual. Niterói: Editora da UFF, 2013; REYES, Rodolfo Romero. El proyecto Educomunicativo Escaramujo. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidad de La

ensino não está disponível para todos, perceber quais espaços e quais pessoas estão sendo desfavorecidas é essencial para que projetos que visem espaços não escolares sejam pensados. A diversidade é o que constrói os diversos olhares sobre o mundo, fazendo com que a sociedade seja transformada por múltiplos pontos de vista, que partem dos pensamentos íntimos que vão tornando-se significativos em cada pessoa. É na busca pela vivência de maior igualdade que todos se veem incluídos e que se constrói a valorização da fala e da escuta mútuas, sendo ela o pilar para uma educação mais inclusiva e com diálogos, onde todos podem ganhar com o compartilhamento de ideias e pensamentos.

“Quais as possibilidades e os limites da educação no hospital? É possível aprender no hospital? O que a educação pode aprender dentro do hospital? O que o hospital pode aprender com o cinema?” (OMELCZUK, 2016, p.47). Esses questionamentos inicialmente feitos pela pesquisadora só foram sendo respondidos ao longo do processo de realização do projeto dentro do hospital. Em sua proposta metodológica, ela optou por realizar cineclubes e atividades em que as crianças poderiam produzir filmes. Nos encontros, utilizou-se de recursos criados por ela e sua equipe, como um “cardápio de filmes”. Nele as crianças poderiam escolher os filmes que iriam assistir em cada sessão.

Tendo como tarefa inicial e central do projeto a exibição de filmes para as crianças internadas nos questionávamos sobre quais filmes exibir e essas foram algumas reflexões que nos atravessaram. Em alguns momentos, trabalhamos no hospital com os cineastas que estudávamos no grupo de pesquisa, considerando exatamente que muitos de seus filmes eram atravessados pelas pistas que nos referimos. Essa atividade nos trazia um desafio interessante na criação de filmes e exercícios que pudessem despertar nas crianças a curiosidade por estéticas diferentes e por cineastas que pouco produziam especificamente para crianças, tais como Abbas Kiarostami (Irã) e Petrus Cariry (Brasil). Destacamos que foi durante o processo de seleção dos filmes e organização das atividades que essas pistas foram surgindo. Não tínhamos um critério fechado ou uma espécie de check list anterior que aprovaria ou não a exibição de um filme no hospital. As questões que trazemos nos atravessaram e surgiram ao nos depararmos com os filmes. Sendo assim, a seleção dos filmes revela a complexidade de

Habana, La Habana, 2013; HERNÁNDEZ, Yaima Junco. La producción de audiovisuales en la infancia y la adolescência. 2013. Dissertação (Mestrado em Meios audiovisuais). Instituto Superior de Artes, Facultad de Medios de Comunicación y Audiovisuales – FAMCA/ISA, La Habana, 2013; TOLEDO, Moura. Educação Audiovisual Popular no Brasil: panorama 1990-2009. Tese (Doutorado em Comunicação e Artes), USP, São Paulo, 2009.

um processo de “curadoria” e a necessidade de uma conversa aberta e flexível sobre cinema e infância. (OMELCZUK, 2016, p. 121).

Essa não foi a única reflexão que surgiu diante do contato com o público do hospital. Durante todo o projeto dúvidas e questionamentos atravessaram por diversas vezes a pesquisadora. Omelczuk (2016) relata que em determinado dia chegou no hospital e a tela onde ela exibia os filmes não estava no local, tentou encontrar, mas não achou. Pensou que teria que cancelar a sessão do dia, mas passando por um corredor, observou um lençol branco, e percebeu que a tela estava ali, que na verdade estava em todos os cantos, mas seu olhar estava condicionado às vivências cotidianas, fazendo com que ela não olhasse para o ambiente de uma outra forma, com outro olhar. A experiência desse evento faz com que possamos pensar que o cinema proporciona uma ampliação de olhares para outras possibilidades, lugares, pessoas e histórias, exigindo de quem com ele se envolve, novas formas de pensar e olhar o mundo.

O cinema já nasceu exigindo de nós uma aprendizagem. Ele trouxe um outro modo de elaboração do pensamento. Um pensamento que é ao mesmo tempo intelectual e afetivo. Foi preciso aprender a pensar de um outro modo e foi preciso aprender a ver, aprender a crer na imagem, aprender a ser espectador e a fazer parte do espetáculo (AUMONT, 2008 apud OMELCZUK, 2016, p. 47).

O cinema não consiste em um produto cultural acabado, nos mostrando cotidianamente que é moldável e que se (re)constrói diariamente no olhar do outro. Omelczuk (2016), junto dos jovens, crianças, pais e funcionários experienciaram esse processo de aprender e desaprender a ver, seja o filme que é exibido, seja o espaço onde eles estão tendo essa troca, seja a si mesmos. Acreditamos que as relações entre o cinema e a educação definitivamente se constroem assim, na troca de olhares e de saberes. E, sobretudo, na escuta.

2. O INÍCIO DO PROJETO

Este trabalho teve como objeto de estudo, sessões cineclubistas realizadas pelo projeto de extensão "O audiovisual na cidade: construindo conhecimento a partir de imagens e sons" que, atualmente, possui esse nome, mas, que no seu início, no ano de 2020, tinha por título "O audiovisual nas escolas: construindo o conhecimento a partir de imagens e sons". Segundo o texto da proposta, constante no site do curso de Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, o projeto tem por finalidade:

Educar o olhar de alunos e comunidade escolar para a arte cinematográfica e audiovisual, por meio da apresentação de filmes e promoção de debates em torno das obras, tendo por objetivo a aprendizagem da linguagem audiovisual e a reflexão sobre a sociedade a partir dos filmes. (SIQUEIRA, 2022)⁴

O projeto também possui vínculo de extensão com a disciplina Comunicação Audiovisual na Educação, que faz parte da grade curricular obrigatória do curso de Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), coordenado pela professora Daniela Giovana Siqueira. Seu objetivo inicial foi o de realizar sessões de cineclube de modo presencial em duas escolas da cidade, sendo elas uma pública e outra privada. Porém, devido a pandemia, os planos foram parcialmente interrompidos. Durante o período de isolamento social foram realizadas sessões de cineclubes de modo remoto apenas em uma turma do ensino médio de uma escola privada, nos anos de 2020 e 2021.

Em 2022, com o retorno ao presencial, o projeto incorporou-se a outros espaços e tomou novas formas, seguindo vinculado à disciplina, porém, agora, ocupando, também, espaços não convencionais. Nessa nova etapa o projeto visa outras perspectivas, tendo por nome "O audiovisual na cidade: construindo conhecimento a partir de imagens e sons" estando nas escolas, mas também em espaços não escolares. Ainda com a finalidade de educar o olhar para a arte cinematográfica por meio de exibições de filmes e promoção de debates em torno das obras, objetiva a aprendizagem da linguagem audiovisual, mas agora visando ocupar novos espaços e dialogar com outras partes da sociedade. A partir dessa perspectiva foram promovidos encontros na Escola Estadual Waldemir de Barros Silva e no

⁴ Informação disponível em: <https://audiovisual-faalc.ufms.br/projetos-de-extensao/>

Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência ao Albergado (EPFRSAAA-CG) de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Na escola estadual foram ofertadas oficinas para uma turma de itinerário formativo do ensino médio, onde os alunos do curso de audiovisual vinculados à disciplina tiveram participação efetiva. Foram ministradas aulas de fotografia, roteiro, montagem e som. Já no Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência ao Albergado (EPFRSAAA-CG), foi promovido um ciclo cineclubista com a curadoria sendo feita pelos alunos, sob a coordenação da professora Daniela, gerando sessões de exibição para as internas, que eram seguidas por debates.

O projeto foi ampliado em 2023, passando a realizar duas sessões semanais. O cineclube se manteve no estabelecimento penal, ampliando o número de sessões para além da carga curricular disciplinar, seguindo a mesma dinâmica de exibição de filmes e debates. A professora Daniela segue sendo a coordenadora e eu passei a integrar o projeto como estagiária. As sessões da extensão acontecem semanalmente, toda terça-feira às 14h da tarde e as ligadas à curricularização foram realizadas aos sábados. O intuito do projeto é exibir filmes nacionais para as internas, apresentando o cenário cinematográfico do país, ampliando os olhares para a produção nacional e o debate sobre diferentes perspectivas apresentadas pelos filmes.

Para organizar as sessões e decidir quais filmes seriam exibidos, fez-se necessária uma esquematização e discussões prévias com a equipe da instituição penal, a partir das quais foi identificada uma demanda das internas: filmes que apresentam temáticas ligadas a histórias de mulheres e mulheres no núcleo familiar.

A partir disso, foi delimitada a indicação de um primeiro recorte para a seleção dos filmes. Seguindo essa temática foi feita uma curadoria de filmes que abordasse histórias com a presença ativa de personagens femininas. É importante destacar os comentários das internas sobre “não suportarem o excesso de filmes de autoajuda que disponibilizavam para elas”⁵, o que fez com que filmes desta natureza fossem

⁵ Frase dita por uma interna em sessão realizada no ano de 2022.

evitados. Buscou-se diversificar as produções durante as sessões, levando filmes de diferentes gêneros, como ficção, documentário, animação, drama, terror etc.

No dia das exibições é feita uma apresentação apresentando a equipe e explicando qual o intuito do projeto naquele espaço. Essa apresentação acontece semanalmente pois existe uma rotatividade de internas nas sessões. A maioria delas trabalha durante a semana, não podendo participar de todas as sessões. As que participam em uma semana normalmente não conseguem participar na outra, e assim sucessivamente. Após a apresentação do projeto, apresentamos, também, a ficha técnica da obra a ser exibida naquele dia, contendo o nome, país e ano de produção. Disponibilizamos, também, uma breve contextualização sobre a história que será exibida, e em seguida a obra é projetada. Logo após é aberto um espaço para conversar sobre o filme.

Para o âmbito da pesquisa a ser desenvolvida, a partir dessas sessões eu passei a ficar responsável por preencher o relatório sobre tudo o que aconteceu no dia da sessão, do momento de entrada no estabelecimento penal até o momento do debate. O modelo do relatório a ser adotado foi desenvolvido para a coleta de informações para a pesquisa e é separado em partes, sendo elas: temas trabalhados pelo filme, dinâmica aplicada, comentários das internas e pontos que podem ser importantes (Anexo I). A escrita dos relatórios parte da perspectiva da observação participante, que, segundo Duarte e Barros, (2011, p.133-134) é quando “O pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação.”

No âmbito desta pesquisa, os relatórios funcionam como registro documental das atividades realizadas e tornam-se, portanto, documentos para a análise das sessões realizadas. Segundo Duarte e Barros (2006, p. 276) “Análise documental compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim, sendo análise documental primária igual a escritos pessoais.” Além da análise documental também foi construída uma pesquisa bibliográfica. Duarte e Barros esclarecem o procedimento:

É um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e

proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos. (DUARTE E BARROS, 2011, p.51)

Este procedimento metodológico foi aplicado com o objetivo de buscar produções científicas que relacionassem o cinema e a educação em espaços não convencionais, e, também, trabalhos que pensem a questão do cinema e da educação dentro da escola. A partir desse processo, foi possível identificar a escassez de trabalhos realizados em espaços não convencionais.

2.1 Análise dos relatórios e reflexão sobre a experiência

Antes de passar à análise dos relatórios é importante pontuar que a escolha de redação deste item elege a escrita em primeira pessoa, como forma de me colocar no processo de escrita deste trabalho, tendo como referência a pesquisa de Melo (2014), já citada no capítulo 1, onde ela adota em seu texto a perspectiva da escrita em primeira pessoa. A intenção é a de me incorporar ao processo de minha própria relação com a atividade, pois a escolha do objeto desta pesquisa partiu de uma experiência que me atravessou nessa fase final do curso.

Dentro do universo de 17 sessões realizadas pelo projeto em 2023, foram produzidos e analisados 10 relatórios no segundo semestre de 2023. Para efeito de análise, foram eleitos temas que perpassaram as exposições.

No final do ano de 2022, começou o meu processo de escolha de tema para o trabalho de conclusão de curso, e desde o início pensava em alguma pesquisa que relacionasse o cinema e a educação. Surgiram algumas possibilidades, mas que naquele momento seria inviável de serem realizadas. A professora Daniela Siqueira, minha orientadora, já coordenava um projeto de cineclube no Estabelecimento Penal Feminino de Regime Semiaberto, Aberto e Assistência ao Albergado (EPFRSAAA-CG) de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, sendo ele também vinculado a uma disciplina do curso de audiovisual da UFMS. Ela, sabendo dessa minha vontade de realizar um trabalho que estivesse ligado com cinema e educação, e da impossibilidade de pesquisar outras iniciativas, sugeriu que eu participasse de uma das sessões no presídio para eu sentir se seria possível produzir um trabalho com foco nessas sessões e debates. Participei de duas sessões no final daquele ano, gostei da experiência e decidi que seria esse o tema do meu trabalho: o audiovisual como aliado na construção do conhecimento em ambientes educacionais não

convencionais, tendo como objeto de pesquisa as sessões no estabelecimento penal feminino.

Para realizar a pesquisa, tornei-me estagiária do projeto e, no segundo semestre do ano de 2023, as sessões do segundo ano da extensão foram reiniciadas. Como especificado na introdução, foi adotado um modelo de relatório para que as sessões semanais passassem a ser registradas, contendo meus relatos pessoais sobre o que foi feito e dito durante cada sessão, principalmente durante os debates. Na pesquisa, os relatórios tornaram-se, então, fontes documentais para a análise. Para além da análise dos relatórios, onde irei pontuar situações que se repetiram durante as sessões, falas das internas, situações pelas quais passei durante esses meses, entre outras coisas, buscarei tecer neste capítulo pontos que imagino serem importantes nesse processo de aprendizagem e busca por um cinema e uma educação que ocupe diversos espaços da cidade. Assim, as reflexões aqui contidas apresentam conclusões da pesquisa realizada sobre a ação de extensão.

Como estagiária, as inseguranças, incertezas e desejos caminharam comigo durante todo o processo de participação no projeto, no sentido de imaginar um cenário em que as internas aprovassem os filmes, gostassem deles a ponto de discutí-los, e que não houvesse nenhum problema técnico durante a realização da sessão. Eu me sentia nervosa, por exemplo, ao imaginar que elas pudessem deixar a sessão por ter que esperar demais; ou seja, situações que pudessem fugir ao meu controle e situações que são passíveis de acontecer em qualquer espaço. Era necessário entender que eu não estava em uma sala de aula convencional, apesar da sala de exibição também ser o espaço em que cursos e palestras são ministradas para as internas. É um espaço que opera sob regras diariamente. Existindo horário para sair e voltar, horário para que elas realizem os serviços domésticos do presídio e que também determina o tempo que aquelas mulheres podem passar com suas famílias. Eu imaginava que as coisas funcionassem assim mesmo. Viver nesse enclausuramento, a meu ver, faz com que elas vivenciem essas atividades que acontecem no presídio de uma outra forma. São mulheres em privação de liberdade, e isso, para mim, poderia gerar diversas consequências.

2.2 A possibilidade de observar

Minha orientadora e coordenadora do projeto, sempre me dizia que o que importava para nós naquele espaço não era a questão dos números, de quantas internas iriam participar das sessões, e sim a questão da qualidade das sessões e dos debates. Não é sobre o quantitativo, e sim, qualitativo. Porém, essa questão de números era algo que me chamava atenção em todas as sessões, e que também me fez perceber muitas coisas. Todas as sessões analisadas contaram com a minha presença e de minha orientadora. Em nossa primeira sessão, que aconteceu no dia 27 de julho de 2023, pontuei em meu relatório: “A sala estava com um número considerável de mulheres, foram 15 no total”. Na segunda sessão, que aconteceu no dia 03 de agosto de 2023, trago o seguinte trecho no relatório: “Diferente da última sessão, que haviam 15 mulheres conosco, dessa vez teve um número menor, foram apenas 6 mulheres.”

Esses números que pontuo em meus relatórios não são exatos, levando em consideração que muitas vezes elas não permaneciam nas sessões até o final ou que muitas delas entravam na sala depois que a sessão tinha começado e em diversas vezes não consegui anotar essas entradas e saídas. Porém, analisando os relatórios, verifiquei que 5 era a média de internas que participavam das sessões, não acontecendo de ser menos que isso. Esses números dizem respeito a entrada delas na sala e não a permanência. Omelczuk (2016, p. 75) relata uma situação parecida que viveu em seu projeto no hospital:

De acordo com os 3 relatórios do projeto de extensão que foram entregues nos anos de 2012, 2013 e 2014 ao Núcleo de Humanização, cerca de 70 crianças por ano tiveram algum tipo de contato com o projeto até o final de 2014. Esse número foi contabilizado a partir dos questionários respondidos e foram comparados com os registros de meu diário de campo, onde anotava a quantidade de crianças que estavam presentes e o fluxo delas. Como era comum de alguém chegar ou ir embora em meio ao filme, ou de alguma criança presente não querer participar, a afirmação de um número fechado não refletiria a realidade flexível com que as crianças se envolviam ou não com o cinema, por isso o número é aberto.

A partir da observação de quem participava e de quantas participavam, foi possível perceber as diversas particularidades daquele espaço. A rotatividade das internas nas sessões foi algo observado, toda semana eram mulheres diferentes, sendo três o número máximo de internas que se repetiam de sessão para sessão. Isso acontecia porque muitas delas arrumavam um emprego durante a semana,

fazendo com que não pudessem participar das sessões. Levando em consideração que o projeto acontecia toda terça-feira às 14h. Muitas delas falavam ao final das sessões que não estariam presentes na próxima semana pois estariam trabalhando. No dia 29 de agosto de 2023, onde foi exibido o primeiro episódio da série “Maid” escrevi o seguinte no relatório:

A **Mulher 1** disse que estava presente na sessão, pois estava esperando o juiz assinar sua condicional, que é a liberação para o cumprimento da pena em liberdade, segundo ela, se não estivesse esperando essa devolutiva do juiz, estaria na rua trabalhando.

Percebi que essa rotatividade seria comum em todas as sessões, fazendo com que tivéssemos que mudar as dinâmicas semanalmente.

Constatamos também, que a idade das internas mudou drasticamente do ano de 2022 para o ano de 2023. No ano de 2022 mulheres adultas mais velhas participaram do projeto, já no ano de 2023, muitas delas eram jovens, o que muda completamente a dinâmica, pois são pessoas mais novas, com pensamentos, jeitos e comportamentos diferentes, e isso refletiu diretamente em nossa curadoria de filmes, pois inicialmente tínhamos a referência do público do ano anterior. Então, com o intuito de chamar a atenção dessas internas mais jovens, foi preciso articular novas perspectivas, como se atentar mais ainda na curadoria, selecionando filmes que pudessem fazer com que elas se interessassem, observando, também, a duração dessas produções, pois, percebemos que elas permanecem até o final da sessão quando os filmes são de menor duração, com uma hora e meia aproximadamente.

Durante as sessões, muitas delas pediam filmes de suspense e terror, e ao falarem quais eram esses filmes, notamos que todos os títulos eram estadunidenses. Exponho no relatório feito a partir da exibição do filme “Que horas ela volta?” exibido no dia 15 de agosto de 2023:

Grande parte delas, mais uma vez, pediu para que a gente exibisse filmes de terror e suspense, uma delas, a **Mulher 5**, até citou dois que ela gostaria que exibisse, era “A Casa de Cera” e “Annabelle”, filmes produzidos nos Estados Unidos.

Em quase todas as sessões elas questionavam sobre os filmes que seriam exibidos na semana seguinte, e junto dos questionamentos também vinham sugestões. Começamos a pensar em uma solução para que houvesse um diálogo entre ambas as partes. Nós, com o objetivo de exibir filmes nacionais, esses que não

são devidamente distribuídos e exibidos, e elas, com a vontade de ver filmes de terror e suspense estadunidenses. Elas aceitaram os filmes que levamos, nunca houve uma reclamação severa, porém, elas também queriam ver os filmes que sugeriam. Omelczuk (2016, p. 145- 146) passou pela mesma situação em seu projeto no hospital:

Como lidar com esses pedidos? Teríamos que exibir os filmes que as crianças pedem? Podemos convidá-las a assistir aos que trazemos se nos negamos a ver o que nos oferecem no mesmo momento? Como negar esse pedido sem desmerecer o gosto? Como agir sem nos deixar atravessar por uma condescendência ou sentimentalismo justificados por esse momento sensível da vida? Como não atender o desejo por algo que as agrada afetivamente? Compreendemos então que nosso primeiro passo é agir pedagogicamente colocando-nos as mesmas questões que seriam colocadas em outras situações: Com qual dimensão do cinema as crianças se enlaçam no hospital? Como se dá o processo de aproximação com essas obras? Como escolhem? Por que esses filmes e não outros? Desse modo, foram poucas as vezes em que exibimos os filmes trazidos pelas crianças, isto é, aqueles que já habitavam o hospital. Adotamos a postura de explicar que estávamos no hospital apenas nas sextas feiras e que tínhamos filmes que elas não conheciam para ver neste dia, enquanto que ao longo da semana podiam ver outras coisas. Isso porque a ideia não era distrair, entreter ou agradar as crianças para que não se dessem conta do que estavam vivendo.

No entanto, os espaços são distintos, no presídio elas não têm acesso a filmes como as crianças no hospital tinham, os filmes que elas assistem, neste momento da vida delas de privação de liberdade, são os filmes que levamos. O que nos deixa nessa linha tênue de quais filmes exibir e se vamos, ou não, levar os filmes que elas pedem. A intenção não era fazer com que elas mudassem de gosto, muito menos que o cinema estadunidense desaparecesse, mas sim, fazer com que elas soubessem que existem outros tipos de cinema. No primeiro dia de projeto elas comentaram sobre o filme “*Barbie*”, dirigido por Greta Gerwig, que acabara de ser lançado no cinema e que estava batendo recordes de bilheteria. Um tempo depois comentamos com elas que iríamos exibi-lo. A notícia se espalhou, e no dia da sessão a sala estava cheia.

Por agosto ser o mês do enfrentamento da violência contra a mulher, a psicóloga do estabelecimento penal nos perguntou se poderíamos suprir uma demanda referente ao agosto lilás, onde a intenção seria exibir ao menos três produções que tivessem em suas histórias a questão da violência contra a mulher. Sendo assim, exibimos um episódio da série “*Maid*” dos autores Molly Smith Metzler,

Colin McKenna, Michelle Denise Jackson, Bekah Brunstetter e Marcus Gardley, produzida nos Estados Unidos e lançada no ano de 2021. Pontuamos para elas que o intuito era trazer outras perspectivas de produções. É importante destacar que todas essas produções traziam mulheres nos papéis principais. Esse foi, inclusive, um ponto destacado pela psicóloga do estabelecimento penal, que nos informou que as internas gostavam de filmes que traziam mulheres em suas histórias, nos possibilitando pensar em uma ampla lista de realizações que apresentavam histórias de mulheres diversas com histórias completamente distintas. Omelczuk (2016, p. 148) discorre sobre uma situação parecida vivenciada em seu projeto:

Fomos todos aprendendo que não se tratava de uma disputa por um lugar a se ocupar, mas de tornar possível um espaço para a convivência da diversidade e das diferenças. Vale recordar a célebre colocação de Carrière (2006) ao refletir sobre a hegemonia do cinema estadunidense, de que ninguém quer o desaparecimento do cinema americano, apenas a coexistência dos múltiplos cinemas que existem no mundo.

A intenção do projeto era proporcionar novas experiências e vivências com o cinema. Segundo Omelczuk (2016, p. 112), “Só há experiência quando nos deparamos com algo que exige de nós um deslocamento de ponto de vista. A experiência é algo que sacode nossas referências de mundo e exige da cognição sua reinvenção.” Buscou-se com a exibição de filmes nacionais, o “deslocamento de ponto de vista” das internas para com o cinema.

Dessa forma, sempre foi importante para o projeto sair da esfera do cinema hegemônico, para apresentar a elas um olhar para o cinema feito no Brasil, possibilitando o contato com uma cinematografia desconhecida. Uma das diversas finalidades do projeto, portanto, era a de diversificar os olhares, as opiniões e os pensamentos para os filmes nacionais, tornando-se, também, um ato político. Omelczuk destaca:

É nesse sentido que Xavier (2008, p.17) defende ser preciso combater “imagens e sons que induzem a uma leitura pragmática geradora de reconhecimento do já dado e do que não traz informação nova, ou seja, do combate àquela forma de experiência na qual não se vê efetivamente a imagem e não se percebe a experiência”. Selecionar quais filmes exibir para as crianças é, portanto, uma tarefa de dimensão estética e política porque diz respeito à manutenção ou não de uma determinada política cognitiva e também à manutenção de uma hegemonia sob aquilo que se vê, inventa e

circula disponível para uso, recombinação da imaginação e transformação do real. (XAVIER, 2018 apud OMELCZUK, 2016, p.113).

Conseguir me encontrar nesse processo de curadoria também foi importante, pois antes de iniciar o estágio no projeto eu já havia feito uma lista de possíveis filmes que poderiam ser exibidos para elas. Porém, essa escolha foi feita seguindo o meu gosto, o que eu achava que seria bom para elas, sem pensar nas diversas especificidades daquele espaço e daquelas mulheres. Me orientei apenas pela temática trazida pela psicóloga do presídio, Marilaine Rodrigues Vilarga, sem antes observar o espaço e as mulheres que ali estavam. A professora Daniela me orientou grandemente durante esse processo, explicando que talvez não fizesse sentido exibir aqueles filmes naquele momento, sendo necessário um tempo, onde exibiríamos filmes de narrativa clássica, para que depois pudéssemos apresentar outras formas de linguagens cinematográficas. Sendo assim, o processo mudou. Passei a observar as sessões semanalmente e percebi que aquelas mulheres e aquele espaço mudavam constantemente, portanto, não havia possibilidades de certezas, mas sim, de dúvidas e incertezas. Segundo Melo (2014, p. 86), “Para tornar uma prática pedagógica em experiência, dúvidas, incertezas, subjetividades vão entrar em cena”. Assim, sobre as conclusões tiradas, em um processo de troca com Daniela, escolhíamos o filme que seria exibido na próxima semana.

2.3 Incertezas diante do espaço não escolar

Iniciei esse no estágio desse projeto com muitas certezas, idealizando diversas situações para as exposições, não necessariamente onde tudo saísse como o planejado, mas, de certa forma, achava que sempre poderia ou teria que estar no controle da situação. Entretanto, essas perspectivas foram se dissolvendo, ou talvez, possibilitando a criação de um outro olhar para aquele espaço e aquelas mulheres. É extremamente diferente imaginar um espaço e estar naquele espaço de fato, são infinitas as quebras de idealizações feitas de antemão. Para introduzir-me no processo e entender mais sobre minha presença ali, era necessário olhar para além da tela, no sentido de ir percebendo aquele lugar e suas especificidades aos poucos, e não como uma imagem concreta do que eu, previamente, criei.

Penso que não é apenas levar filmes para dentro do presídio e debater depois, talvez essa seja uma estrutura que eu criei. Vai muito além disso, é um

aprendizado constante sobre a vida e suas diversas nuances. Acho que por ser uma experiência no presídio, vendo essas mulheres nessa situação, faz com que o olhar e o sentir sejam outros. No entanto, mesmo sabendo das condições de todas elas, eu também tinha minhas questões sobre como agiria naquele espaço, o que eu poderia ou não falar, se poderia perguntar o nome delas ou não. Sempre com o receio de atravessar uma linha que talvez as deixassem desconfortáveis, sendo assim, a experiência foi abrindo espaço para diversos sentimentos.

Eram muitas as questões que me atravessavam, e, semanalmente, eu me via questionando minhas atitudes e pensamentos para com aquele espaço e aquelas mulheres. As sessões eram realizadas em uma sala, parecida com uma sala de aula, com cadeiras e mesas e a organização era feita de forma que ficassem apenas as cadeiras no centro da sala. A televisão do presídio era usada para a exibição dos filmes. Ela ficava de frente para a porta, ou seja, quando uma pessoa sai da sala durante o filme, a luz entra. É normal as pessoas saírem durante a sessão de um filme, é normal as pessoas conversarem durante as sessões para comentar sobre o filme. Porém, isso era algo que me incomodava de alguma forma, mesmo sabendo que elas estavam prestando atenção e que aquelas eram atitudes normais de uma sessão de cineclube, saídas da sala e conversas. Em um determinado dia, a professora Daniela, minha orientadora, conversando comigo sobre meus relatórios, me disse que percebeu esse meu incômodo em minhas escritas, e definitivamente, eu as pontuei em diversas sessões:

Dia 28/07/2023 - Durante todo o filme percebi movimentações de muitas delas saindo da sala, e durante todas as saídas entrava um feixe de luz pela porta que ia diretamente para a tela onde estava passando o filme, se tornando impossível não se distrair.⁶

Dia 03/08/2023 - Percebo que foi uma sessão mais agitada, tanto em movimentações quanto em comentários. Durante a sessão houveram muitas conversas e muitas saídas da sala, o que às vezes dá uma insegurança por achar que não estão gostando do filme.⁷

Dia 08/08/2023 - Começamos a sessão e percebi a movimentação de algumas delas, foram quatro no total, que saíram da sala. Percebi que elas

⁶ Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “Lisbela e o Prisioneiro”. Data de exibição: 28/07/2023

⁷ Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “Benzinho”. Data de exibição: 03/08/2023

não voltaram mais. No fim, ficaram apenas 5 internas. Penso que algumas possam não ter gostado do filme, o que pode acontecer.⁸

Dia 22/08/2023 - Durante todas as sessões elas conversam durante o filme, normal, mas hoje a movimentação e as conversas foram mais intensas, e são nesses momentos que eu me pergunto se elas estão conseguindo prestar atenção, porque, por a sala ser pequena, os sons se misturam, o som do filme com as conversas delas, e muitas vezes não dá para entender o que se passa no filme.⁹

Dia 29/08/2023 - Percebi que durante a sessão ninguém saiu da sala, diferente das sessões anteriores, e deu para perceber, também, que elas estavam envolvidas pela história, e isso refletiu no debate.¹⁰

Essas foram as pontuações que fiz em alguns dos relatórios, demonstrando, que de fato, isso era algo que me incomodava de alguma forma. Esses relatos demonstram que, de alguma forma, talvez inconscientemente, eu estava comparando aquele espaço com outros, como a sala de aula, por exemplo, não entendendo que são espaços completamente diferentes e que determinadas expectativas de comportamentos não cabem naquele ambiente. Entendi que era necessário realizar uma separação do que eu achava que deveria ser e do que realmente era. Eu estava em um presídio e aquelas mulheres estavam em situação de privação de liberdade, uma situação que não se compara a nenhuma outra, muito menos a uma escola. Melo (2016) compartilhou uma experiência similar vivida em uma escola prisional:

Entre as reflexões possibilitadas pelas atividades “cineclubistas”, uma estava sempre frequente em nossas discussões. Tratava-se do receio de, ao trabalhar com filmes, reproduzirmos certas técnicas utilizadas para transmissão de conteúdos escolares e, dessa forma, pretender *dar* aos alunos uma única possibilidade de interpretação e de entendimento das obras, em vez de explorarmos, coletivamente, as diversas possibilidades de interpretação. Compartilhava da preocupação de Duarte e Alegria (2008, p. 75): “como então, ensinar crianças a ver e a julgar, sem ceder à tentação autoritária de ‘fazê-las ver’ como vemos”. (DUARTE, 2008, apud MELO, 2014, p. 15).

Entendo que tudo é um processo, e às vezes esses processos levam tempo para que sejam assimilados. Me reconheci passando por essa desconstrução de expectativas sobre comportamentos em diferentes espaços, no entanto, sendo capaz de perceber que são pensamentos e hábitos a serem desconstruídos diariamente, na

⁸ Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “Avassaladoras”. Data de exibição: 08/08/2023

⁹ Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “As Boas Maneiras”. Data de exibição: 22/08/2023

¹⁰ Trecho extraído do relatório produzido a partir do primeiro episódio da série “Maid”. Data de exibição: 29/08/2023

tentativa de não padronizar nenhum espaço ou comportamento, principalmente os presídios, lugares carregados de restrições e regras.

Outra situação vivida no presídio foi a de sentir e perceber que o projeto proposto para aquele espaço não era bem vindo por todos os trabalhadores do estabelecimento. Não tenho certeza do motivo, mas senti, frequentemente, essa possível rejeição por parte de alguns agentes penitenciários. Eram situações constantes de desaprovação, refletindo até mesmo nas atitudes de alguns desses profissionais. Lembro que em determinada sessão, um homem abriu a porta da sala onde exibíamos o filme “Barbie” e começou a conversar com as internas. O fato foi assim registrado:

Dia 19/09/2023 - Durante a sessão, um homem, provável funcionário do presídio, abriu a porta e ficou conversando com as internas, na tentativa de fazer algum tipo de piada com elas. Ele falou algo como “vai ter pipoca, hein?!” e mais algumas coisas que eu não consegui ouvir, fazendo com que houvesse uma dispersão entre elas. Devido a essa situação, penso que talvez ele não leve o projeto a sério ou pense que não tenha nenhuma relevância, essa atitude dele demonstra um pouco desse meu pensamento. Fazendo-me questionar que essa é uma outra questão que perpassa projetos que se utilizam do cinema como uma ferramenta educacional.

Penso que talvez não seja uma reação consciente, no entanto, é uma reação que reflete toda uma construção sobre pessoas em privação de liberdade e o próprio cinema como ferramenta educativa. A sociedade se constrói com a concepção de que pessoas em privação de liberdade são “desumanizadas”, inviabilizando, assim, a possível ressocialização e o acesso delas a direitos básicos.

Infelizmente, encarceramento sempre significou mais do que privação de liberdade. No caso das mulheres, enquanto que visibilizamos a violência doméstica no debate público, não trazemos para o centro do debate a invisibilidade e situação extrema no cárcere. As prisões dependem da violência para funcionarem. E este contexto de intensa violência psicológica contra as mulheres de forma muito mais intensa, que a relação com o ambiente perverso de relacionamento abusivo pode ser facilmente remetida. (BORGES, 2018, p. 96).

O pensamento social hegemônico construído é o de que essas pessoas vivam apenas em suas celas, sem acesso a seus direitos, contradizendo o que o sistema diz sobre os presídios serem uma forma de ressocializar essas pessoas. Melo (2014) evidencia esse tipo de comportamento:

Para Becker (1977, p. 49), os funcionários dessas instituições pensam entender os problemas do ambiente melhor do que outras pessoas e não

apreciam interferências potenciais ou reais: Consequentemente, levantam barreiras defensivas destinadas a manter os estranhos do lado de fora e impedir a sociedade envolvente de afetar diretamente a operação da instituição (*idem*, p. 49). (BECKER, 1977, apud MELO, 2014, p. 66).

Assim, percebo que levar cinema para o presídio, levar cultura, e, consequentemente, uma outra forma de ver, pensar e imaginar o mundo, se faz mais necessário para que haja, de fato, um processo mais humanizado de ressocialização de pessoas que são diariamente marginalizadas.

2.4 A presença nas exposições

É indiscutível que a presença delas nas exposições causavam uma indescritível alegria em mim, muito por saber que elas estavam gostando dos filmes e dos debates, mas, também, por saber que de uma forma ou de outra, aquelas presenças *suscitariam* possíveis remições de pena. Elas sabiam que em nossas sessões tinha uma folha de presença, e que se elas participassem durante 12 horas ou seja, 6 sessões, receberiam a remição de um dia. Em seu trabalho em escolas prisionais, Melo (2014), pontua sobre a questão do trabalho e educação no sentido de gerar remição de pena.

Trabalho e estudo ainda são atividades, de certa forma, concorrentes, pois não costuma ser possível aos internos, realizar as duas atividades concomitantemente. É comum que priorizem o primeiro. Podemos elencar algumas razões para isso: 1) a proporção de tempo remido está desigual, pois a razão de tempo remido por estudo é de 12 horas de frequência escolar, divididas em, no mínimo, três dias, o que faz com que seja subtraído um dia a cada três e meio de estudo, no caso do Estado do Rio de Janeiro, em função do turno escolar ter três horas e meia diárias, ao passo que o trabalho tem remição à razão de 3 dias de trabalho por um de remição; 2) o trabalho garante remuneração; 3) há a impossibilidade de se conciliar os horários das duas atividades. (MELO, 2014, p. 41).

Questões como essas refletem diretamente nas ações que elas decidem tomar. Em uma das sessões uma interna comentou que seria inviável participar de 6 sessões para receber apenas 1 dia de remição em 12 horas de participação no projeto, e que ela estava presente naquele dia porque estava esperando o juiz assinar sua condicional, e que se não fosse por aquele motivo, ela teria ido para rua trabalhar.

São 12 horas de participação em projetos para que elas recebam um dia de remição. Porém, os horários desses projetos, na maioria das vezes, coincidem com os horários de trabalho, fazendo com que não seja possível elas participarem das

atividades propostas. O projeto acontece às terças-feiras às 14h, horário que muitas delas estão trabalhando. Elas, em várias das sessões, questionaram se as sessões poderiam ser realizadas aos sábados, sendo um dia que a maioria delas estariam presentes. A curricularização da extensão, vinculada à disciplina de Comunicação Audiovisual na Educação, do curso de audiovisual da UFMS, pode atender a essa demanda. As sessões de sábado passaram a receber a participação e curadoria dos alunos da disciplina. Contudo, é necessário questionar como esses meios de conseguir remição funcionam, em quais horários, principalmente quando se diz respeito à educação e cultura.

Consta do parecer das Diretrizes Nacionais da Educação nas Prisões (Brasil, 2010. p. 29) que a oferta de educação nas prisões “contemplará o atendimento em todos os turnos”. Colocar em prática essa resolução contribuiria bastante para solucionar o impasse em torno disso. Para isso, seria necessário que os gestores de cada estado colocassem em prática tal resolução, mas esse passo ainda não foi dado, sob alegação, conforme posicionamento do representante da SEAP (Secretaria de Administração Penitenciária) no 5º Fórum de Educação em Prisões do Estado do Rio de Janeiro, em 2012, de não haver estrutura que permita a mudança, como pessoal suficiente para instituição de mais um turno de trabalho na unidade escolar. Também não há indicação, até o momento, de que existam articulações nesse sentido. Se mais de 85% da população carcerária brasileira tem baixa escolaridade e apenas pouco mais de 9% estudam, podemos concluir que a educação formal ainda não é prioridade no contexto prisional. (MELO, 2014, p. 41).

Para além dessas possibilidades e impossibilidades, penso que também se faz necessário refletir sobre as internas que estão no presídio nos horários do projeto, mas que não participam. Aconteceu com muita frequência em nosso projeto, o que levanta diversos questionamentos do porquê dessas não participações, porém, nunca excluindo o poder de escolha delas. Em uma das sessões, a psicóloga do presídio comentou sobre uma interna que não quis participar da sessão.

Dia 03/08/2023 - A psicóloga comentou sobre uma interna que não foi na primeira sessão porque não podia, mas que deixou de ir na última porque não quis. Disse que se elas estivessem em regime fechado, seria diferente. Porque no fechado todas as atividades oferecidas são obrigatórias a participação. O que me chamou atenção foi ela fazer a comparação do regime aberto e semiaberto onde elas fazem o que elas “querem” para o regime fechado que elas são obrigadas a fazer tudo. Acho que não é a intenção de nenhum projeto fazer com que elas se sintam obrigadas a participar. Tem que participar quando se sentir à vontade e quando tiver vontade. Existem outros projetos na prisão, e provavelmente elas participam

em pelo menos um desses, o que talvez possa fazer mais sentido naquele momento.¹¹

Não sei quais são os motivos que fazem com que elas não participem, mas imagino que para elas, poder escolher se vai ou não participar de todos os projetos que não sejam obrigatórios, seja, de certa forma, um ganho, em um espaço por si só já tão restritivo.

2.5 As internas no encontro com o cinema e a educação

Pensar e ver cinema é uma forma de ver o mundo através da tela, uma outra forma de experienciar sentimentos e sensações, de se abrir para novos aprendizados e, de uma certa forma, perceber outras vidas, outros mundos, seja em sala de aula, seja em uma tela grande de cinema, seja em uma salinha em um estabelecimento penal. O cinema, em toda sua forma e grandiosidade na maneira de contar histórias, atinge a todos. “Sempre tive a sensação de que, ao assistir a alguns filmes, temos a possibilidade de escovar nossa vida a contrapelo, ampliando a passagem da memória para a imaginação, pelas ideias afetadas por imagens e sons.” (Fresquet, 2013, p. 113-114).

O cinema desenvolve nosso conhecimento, nos fazendo perceber o outro e a nós mesmos, e foi possível perceber esse sentir nas internas que participavam das sessões semanalmente. Os filmes, em sua maioria, afetavam essas mulheres de alguma forma, fazendo com que elas dissessem o que estavam sentindo, se abrindo para todas as pessoas que estavam presentes ou esperando até o final para conversar de forma mais privada. O cinema é capaz de fazer esse movimento de ver, sentir, pensar, falar, e se abrir, de fato, para aquela experiência que foi vivida. O cinema é capaz de despertar inúmeras de nossas inquietações na vida, nos faz perceber a vida e suas diversas nuances. Cito, abaixo, trechos de falas das internas e frases ditas por elas, redigidas sob meu olhar, durante os debates.

¹¹ Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “Benzinho”. Data de exibição:03/08/2023

Dia 19/09/2023 - “Lembrei quando eu era criança, que meu pai trabalhava como porteiro de um prédio, e aí quando as filhas dos patrões brincavam muito com as bonecas e não queriam mais, davam para gente”.¹²

Dia 19/09/2023 - “Mesmo a gente não tendo condição, a gente tinha esses brinquedos”.

Dia 03/08/2023 - “Me senti na pele dos outros filhos, porque ela prefere o mais velho”. Dani comentou sobre ela não ser filha única e ela confirmou. “Minha mãe sempre preferiu o Lucas (irmão)”.¹³

Dia 03/08/2023 - “Não ter estudos e um bom emprego, torna tudo mais difícil.”

Dia 03/08/2023 - Outra mulher, que foi a última a chegar na sessão, diz ser igual a personagem principal, ela fala que quer fazer tudo no mesmo dia, se sobrecarregando. Porque faz compra, cuida da casa, leva o neto à escola porque ele não pode ir sozinho pois moram na beira do rio e é perigoso.

Dia 03/08/2023 - Uma delas disse que a relação com a filha dela mudou completamente durante os anos, que durante a infância a relação é uma, e durante a fase jovem, é outra.

Dia 15/08/2023 - “Deixei meus filhos para viver no mundo das drogas e sei que eles perguntam de mim para minha mãe.”¹⁴

Dia 15/08/2023 - “Nosso país gosta de coisas de fora, dá muito valor - temos que dar valor para coisas feitas na nossa terra.”

Dia 29/08/2023 - Uma delas disse que a mãe dela foi no primeiro cinema da cidade, que ficava perto do presídio, Dani disse que poderia ser o Autocine (*drive in*), que foi criado em 1972 e fica na UFMS, praticamente ao lado do presídio.¹⁵

Em nossa primeira sessão no estabelecimento penal, uma das internas disse: “Todo aprendizado a gente tem que aproveitar”. Se referindo a todos projetos que são oferecidos no presídio, e que quando pode, ela participa. Ela já havia participado de sessões anteriores, então, carregava com ela as memórias do que já havia vivido naquele espaço, com as exposições dos filmes e os debates. Ela ter dito isso na primeira sessão foi algo que me marcou, pois me fez perceber que de fato, o cinema tem a capacidade de ensinar, e, também, que todos têm o direito de aprender com ele.

No mesmo dia que ocorreu esse comentário, outra interna abordou sobre uma situação apresentada no filme que ela também já havia vivido. O filme exibido foi “Lisbela e o Prisioneiro”, e a cena que chamou atenção foi quando um dos personagens verbaliza que o Rio de Janeiro é melhor do que o estado onde ele estava

¹² Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “Barbie”. Data de exibição: 19/09/2023

¹³ Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “Benzinho”. Data de exibição: 03/08/2023

¹⁴ Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “Que horas ela volta?” Data de exibição: 15/08/2023

¹⁵ Trecho extraído do relatório produzido a partir do primeiro episódio da série “Maid”. Data de exibição: 29/08/2023

naquele momento, que no caso era uma cidade do interior do nordeste. Discorro sobre essa situação em meu relatório:

Dia 27/07/2023 - Ela disse que era boliviana, e nos trouxe uma realidade vivida por ela; disse que já ouviu muitas pessoas compararem seu país Bolívia com o Brasil, dizendo que Bolívia é pior e que Brasil é melhor e mais desenvolvido.¹⁶

A partir desse comentário é importante sinalizar a importância do cinema como uma ferramenta de problematização, um “dispositivo de problematização da cultura” (Favaretto, 2004, apud Melo, 2014, p. 15). Nesta situação, o comentário da interna, sinalizou que ela percebeu a problemática diante de um diálogo do filme, que configura um determinado tipo de preconceito, percebendo, também, que já esteve nesse lugar.

Percebia-se, semanalmente, o envolvimento delas com os filmes, levantando questões sobre o mundo e envolvendo, também, suas questões pessoais. “A gente se vê mesmo que de um jeito diferente”, disse a interna em uma das sessões que exibimos os curtas-metragens “Estado Itinerante” dirigido por Ana Carolina Soares e lançado em 2016 e “Tentei” dirigido por Laís Melo e lançado no ano de 2017, onde as personagens principais sofriam violência doméstica e viviam em silêncio, sem verbalizar as situações pelas quais passavam. Ela nos explicou que tem ansiedade, e que naquela semana havia sido desligada do emprego pois chegou atrasada no presídio devido a uma crise de ansiedade que a fez passar muito mal no serviço. Nos explicou também, que tinha muito contato com o filho, e que sempre conversava com ele sobre fazer a coisa certa, ser responsável com seus compromissos. Ela disse que entendia a personagem que guardava tudo dentro dela. Disse também que chega um momento em que essa emoção vai sair toda de uma vez. Ela se viu de alguma forma na personagem, sentindo o que ela sentiu, mas do seu jeito. Foi a primeira participação dela nas sessões, o que chamou minha atenção, pois, normalmente, quem participa pela primeira vez, na maioria dos casos, fica mais reservada na hora do debate, não falando ou simplesmente saindo da sala assim que o filme acaba. Com ela foi diferente, foi a primeira vez dela na sessão, ficou na sala quando o filme acabou, conversou sobre a história e sobre questões particulares que enfrentava e foi a última a sair. Se sentiu à vontade para falar sobre algo pessoal, demonstrando o

¹⁶ Trecho extraído do relatório produzido a partir da exibição do filme “Lisbela e o Prisioneiro” Data de exibição: 27/07/2023

que o filme fez com que ela sentisse, fazendo uma ligação com situações vividas por ela. Observando os comentários das internas, percebe-se que o cinema tem, de fato, o poder de abrir portas para o aprendizado, fazendo com que haja identificações, sejam elas pessoais ou coletivas, com o mundo. As construções e desconstruções de mundo e pensamentos são recorrentes quando confrontadas por diversas possibilidades de se olhar para as inúmeras subjetividades da vida.

Acreditamos que o cinema tem a capacidade de transformação dos espaços onde se insere, pela força afetiva da arte e da comunicação, pela possibilidade de aprendizagens diversas no espaço, no tempo, do outro e de si mesmo (FRESQUET, 2010, apud OMELCZUK, 2016, p.33).

A experiência nas sessões foi se intensificando cada vez mais, demonstrando que o projeto se fazia necessário naquele espaço. Percebo que semana após semana, aquelas mulheres estavam redescobrando o cinema em suas variadas formas e, de certa forma, percebendo o mundo e, também, suas questões pessoais naquele espaço. Em uma sessão em que foi exibido o documentário “Jogo de cena”, dirigido por Eduardo Coutinho e lançado no ano de 2007, uma interna chegou, sentou-se ao meu lado e me perguntou durante a exibição: “Qual o objetivo disso?”. Expliquei que era um projeto de extensão e que o propósito era o de exibirmos filmes nacionais e, ao final, debatermos sobre eles. É importante ressaltar que foi a primeira vez dela participando de uma sessão. Terminou o filme e ela continuou na sala. Disse que havia se identificado com a história de todas as personagens, e que era bom perceber que não era/estava doida. A partir desse momento, ela iniciou um relato sobre a vida pessoal dela, pontuando diversos momentos sensíveis de sua história. Sentiu-se segura para compartilhar sua história, dizendo que o filme a fez lembrar diversas situações que havia vivenciado. São momentos como esses que incitam a reflexão sobre a importância do cinema e da educação em espaços como esses, não convencionais ou não escolares.

Após a fala da interna, a psicóloga entrou na sala, nesse momento elas começaram a falar sobre a presença de uma pessoa no presídio, que realizava conversas com elas. A interna disse que não gostou da experiência pois a pessoa responsável pela atividade não abria espaço para que as internas falassem, fazendo com que eu refletisse que nessa experiência de troca com o outro, todos querem ser ouvidos. Monopolizar o diálogo implica na situação de “não-troca” onde apenas uma pessoa fala, não havendo diálogos e trocas possíveis, diminuindo,

consideravelmente, as chances de conhecer o novo e o outro. Não cedendo espaço para aprender, apenas para ensinar, pois, segundo Paulo Freire (1998, p. 39), “Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação”.

Aceitar o novo é o que move o conhecimento, de certa forma, pois é naquele “não conhecer” que possíveis novos conhecimentos se manifestam. Sobre o novo e se deixar permitir para novas experiências, na exibição do filme “Bollywood Dream - O Sonho Bollywoodiano” dirigido por Beatriz Seigner e lançado no ano de 2011, uma interna disse: “Se fosse para assistir por minha vontade eu não assistiria. Meio sem pé nem cabeça. Mas eu gostei”, elucidando a importância de deixar-se invadir pelo novo e apreciar uma nova experiência, indo para além de nossos gostos pessoais.

Investigar experiências de cinema na educação nos devolve a crença em nós mesmos e no mundo. Nessas crenças, revisamos os valores que carregamos como imposições invisíveis e personalizamos, ou pelo menos “fazemos de conta”, que, alguma vez, escolhemos algo do que consideramos nortes de nossas vidas, desaprendendo, a cada dia algo novo. Descobrir nossa imperfeição e o inacabado de ser (humano?) afirma a importância que o outro tem para nos completar, afetar e modificar. (FRESQUET, 2013, p. 123).

É importante frisar a importância de projetos como este, sobretudo, em espaços não escolares. Onde a realidade vivida, em grande parte dos casos, é a de exclusão, principalmente se tratando de presídios. Em nossa experiência no presídio, foi possível observar a potência do cinema junto daquelas mulheres. Foram possibilitadas novas experiências, conhecimento de diversos filmes nacionais, debates significativos diante das trocas realizadas naquele ambiente e divertimento. Na sessão em que foi exibido o filme “Que horas ela volta?” dirigido por Anna Muylaert e lançado em 2015, uma das internas disse ao final: “Agora é voltar para realidade” em outra sessão, onde exibimos o primeiro episódio da série “Maid” a psicóloga perguntou para outra interna se ela havia gostado, ela respondeu: “Sim, relaxa a mente, né. Melhor do que ficar só trancada”. Penso que seja necessário apresentar outras formas de olhar o mundo para essas mulheres, e o cinema, definitivamente, faz esse papel, levando-as de uma certa forma, para outras possíveis realidades.

Pensar o cinema junto à área da educação é fundamental, mas pensar o cinema em outros ambientes, que não sejam os escolares, se torna cada vez mais necessário para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Em sua tese: “O que aprendemos quando se aprende cinema no hospital?”. Omelczuk

(2016, p. 146), afirmou: “Cinema no hospital não é caridade, porque educação e cultura não são caridade, são direitos”. Penso que meu trabalho vá por esse mesmo caminho. A realização de sessões de cineclube no presídio feminino não pode ser percebida como caridade ou apenas para contar as horas de remição de pena. A ação está neste espaço para, por meio do cinema, abrir novos horizontes, demonstrando que é possível aprender e desaprender com o cinema. Nessas trocas, são construídas outras possibilidades de olhares para o mundo e para si.

3 CONCLUSÃO

Ao participarmos de um novo projeto, sempre fica a expectativa das reflexões e do engrandecimento, no sentido de aprendizagem, que aquilo nos trará. Não havia participado de um projeto como este ainda, em um espaço não convencional, um estabelecimento penal feminino. Eu estava ansiosa pela experiência, com a certeza de que seria um projeto muito valioso para aquelas mulheres e para minha formação, mas, também, com a certeza de que seria um desafio, pois foi naquele espaço que me vi analisando diversos aspectos do que aprendi na universidade, mas que também tive que desaprender no processo.

Antes de escolher ter por objeto de pesquisa a experiência do cineclube, participei de duas sessões no ano de 2022. Assim, eu já sabia da potência trazida pela mistura entre cinema e educação naquele espaço e junto daquelas mulheres. Porém, foram participações mais tímidas, onde eu estava apenas observando o espaço para entender se eu daria conta de vivenciar essa experiência.

Mas estar na condição de estagiária do projeto de extensão me fez ver e perceber diversas questões, tanto do espaço, quanto minhas próprias. Ali eu lidava com as questões de uma estagiária, que consiste em ajudar a organizar as sessões, partilhar a decisão pela curadoria dos filmes, realizar a apresentação do projeto e dos filmes, atividades normais, mas, junto a isso, vinham as questões daquele espaço, o presídio, e também as histórias daquelas mulheres que ali estavam. Não era apenas levar filmes e debatê-los ao final, era para além disso. Por diversos momentos os filmes provocavam nessas mulheres sensações, e essas sensações causavam catarses, como reflexões sobre a vida individual de cada uma, e também coletiva, choros ao perceber episódios nos filmes que se equiparavam a suas vidas pessoais. Muitas delas, em diversas sessões, contaram sobre suas histórias de vida, pontuando os mínimos detalhes, me fazendo perceber que aquele espaço se tornou para além de exhibições de filmes e debates, um lugar seguro para que elas falassem sobre o que quisessem, um espaço onde elas eram ouvidas.

Durante as semanas as questões iam se desdobrando, o meu olhar sobre aquele processo passava por diversas mudanças. Percebi nesse processo que a curadoria não era sobre meu gosto pessoal, que eu não poderia levar filmes por apenas gostar deles, mas que era necessário pesquisar e discutir sobre essas

produções para que pudéssemos exibi-los, era essencial conhecer e perceber aquelas mulheres e aquele espaço, para só assim, realizar a curadoria.

Era necessário analisar todos os detalhes, como por exemplo, a duração dos filmes, o que influenciava diretamente na experiência de fruição da sessão. Foi possível perceber que ao final de filmes mais longos quase nenhuma delas permaneciam para o debate, por estarem cansadas ou por terem que sair para realizar os serviços que eram atribuídos a elas dentro do presídio, sendo assim, se fez necessário fazer uma curadoria de filmes mais curtos, de até uma hora e meia, para que elas permanecessem para o debate.

A cada semana de projeto, expectativas eram quebradas. Iniciei esse estágio levando a experiência que tive das primeiras vezes que participei. Nessas sessões haviam diversas mulheres e elas permaneciam nas sessões e debatiam. Porém, nesse outro início, tudo mudou. Nas primeiras vezes que participei, as mulheres eram mais velhas, nessa nova fase, em um espaço de tempo de um semestre, as mulheres presentes eram mais jovens, sendo assim, toda a abordagem precisou ser reavaliada. O espaço passava por uma volatilidade constante, tinha a questão das mulheres mais jovens, e também havia a questão de que toda semana novas mulheres participavam do projeto. A rotatividade era constante, devido ao trabalho delas, que passava a coincidir com o horário do projeto. Então, toda semana era como se iniciássemos o projeto do início, de novo.

Não posso dizer que não me causava uma frustração, pois causava, porque, para mim, era como se o projeto não pudesse caminhar, que ele não pudesse criar um vínculo, de alguma forma, com as mulheres daquele espaço. Porém, essa sensação foi se diluindo no decorrer das sessões, no momento que comecei a entender aquele espaço e suas especificidades. Mesmo com a volatilidade do espaço e a rotatividade das internas, criou-se a estabilidade. Penso, agora, que as especificidades desse espaço fizeram com que eu percebesse novas possibilidades, de ouvir diversas delas, de acompanhar o processo delas naqueles momentos de exibição, mesmo que não fosse uma presença constante semanalmente. Pude compreender aquele espaço como um lugar de escuta e trocas, onde elas se sentiam seguras para verbalizar o que estavam sentindo, seja sobre os filmes, sobre o espaço

onde estavam ou sobre suas próprias vidas. Para além das exposições e debates, se criou um lugar seguro para uma conversa sem restrições.

Aquele estabelecimento penal se transformou, de alguma forma, com a presença do cinema e por todas as discussões geradas por ele, causando, também, uma transformação naquelas mulheres. Sentadas naquela sala, assistindo aos filmes, elas estavam vivendo outras realidades possíveis, algo que aquele espaço inhóspito não proporciona a elas. Expondo a importância de projetos como esses em espaços não escolares, onde a realidade vivida diariamente por essas pessoas, é a de exclusão. Nessa experiência foi possível observar a potência do cinema junto daquelas mulheres. Foram possibilitadas novas experiências, conhecimento de diversos filmes nacionais, debates significativos diante das trocas realizadas naquele ambiente e, também, divertimento.

O cinema nos mostra, cotidianamente, que é possível aprender e desaprender com ele, que a transformação é necessária, e que todos, em todos os espaços, têm esse direito. Não é de hoje que pensar o cinema e a educação é imprescindível para a formação do indivíduo, porém, pensar o cinema em outros ambientes, que não sejam os escolares, se torna cada vez mais indispensável para a formação dos indivíduos, de modo geral, e para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária.

Após o fim dos filmes, especialmente dos que fogem da narrativa clássica, ou seja, não têm um final fechado, as internas perguntam se há uma segunda parte, pois, para elas, aqueles finais não eram o esperado, pois ficavam em suspenso. Eu também quero uma segunda parte, mas, uma segunda parte de possibilidades de juntar o cinema e a educação em espaços não convencionais, uma segunda parte de possibilidades de reinventar espaços, ou, ao menos, fazer com que as pessoas que estão ali, tenham outras visões de mundo e que possam vivenciar outras experiências e debater sobre todas as coisas. Uma segunda parte da experiência para seguir aprendendo e desaprendendo com o cinema.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE - Documento eletrônico. Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>>. Acesso em 3 de Setembro de 2023.

AGÊNCIA ESTADUAL DE ADMINISTRAÇÃO DO SISTEMA CARCERÁRIO - Documento eletrônico. Disponível em <<https://www.agepen.ms.gov.br/cnj-esclarece-os-criterios-para-progressao-de-regime-de-penas/>>

BAECQUE, Antoine de. **Cinefilia: invenção de um olhar, história de uma cultura, 1944- 1968**. 1ª.ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BORTHOLAZZI, Maria Salete Almeida. **Educação não formal, formal e informal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem**. Londrina: Produções Didático-Pedagógicas, 2014. 4-8p.

BRASIL. **Constituição Federal**. 1988. Disponível: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 14 de nov. de 2023.

BRASIL. **Constituição Federal**. 1996. Disponível: <https://www.camara.leg.br>. Acesso em 01 de dez. de 2023.

CATELLI, Rosana Elisa. **O Cinema Educativo nos anos de 1920 e 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea**. In Texto (UFRGS. Online), UFRGS, v. 1, p. 1-10, 2005.

CATELLI, Rosana Elisa. **O Instituto Nacional de Cinema Educativo: o cinema como meio de comunicação e educação**. In: XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2004, Porto Alegre. Comunicação, Acontecimento e Memória. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2004.

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO - Documento eletrônico. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1980-1987/lei-7210-11-julho-1984-356938-norma-actualizada-pl.html>>. Acesso em 3 de set. de 2023.

CINEDUC - Documento eletrônico. Disponível em <<https://www.cineduc.org.br/historia.html>>. Acesso em 12 de ago. de 2023.

CINEAD LECAV - Documento eletrônico. Disponível em <<https://cinead.org>>. Acesso em 12 de ago. de 2023.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006.

FANTIN, Mônica. **Mídia-educação, cinema e produção de audiovisual na escola**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: Reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

GUSMÃO, Milene. **O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural**. In: IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2008, Salvador-Ba. IV ENECULT, 2008.

INFOPEN Mulheres. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias – 2ª. Edição**. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública/Departamento Penitenciário Nacional, 2017.

MORETTIN, Eduardo. **Humberto Mauro, Cinema, História**. São Paulo: Alameda, 2013. 496p.

OMELCZUK, Fernanda. (2017). **Cinema no hospital? Hipóteses, experimentações e aprendizagens de uma pesquisa**. Revista Digital Do LAV. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/1983734830120>> Acesso em: 10 de abril 2023.

OMELCZUK, Fernanda. **O que se aprende quando se aprende cinema no hospital?** Rio de Janeiro, 2016. 281 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

REDE KINO - Documento eletrônico. Disponível em <<http://www.redekino.com.br/memoria/>>. Acesso em 12 de agosto de 2023.

SCHVARZMAN, Sheila. **O livro das letras luminosas - Humberto Mauro e o Instituto Nacional de Cinema Educativo**. Estudos Socine de Cinema III, Porto Alegre, v. 1, p. 475-485, 2003.

SUAREZ, Joana. Mulheres presas: de humanas a números. **AZMINA**. Disponível em <<https://azmina.com.br/reportagens/mulheres-presas-de-humanas-a-numeros/>> Acesso em 02 de out. de 2023.

TURNER, Graeme. **Cinema como Prática Social**. 1ª.ed. São Paulo, Summus Editorial, 1997

UFMG. **Biblioteca Prof. Lydio Machado Bandeira de Mello**, da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Disponível em <<https://biblio.direito.ufmg.br/?p=5133>>. Acesso em 13 de nov. de 2023.

APÊNDICE

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

-

FILME	LISBELA E O PRISIONEIRO
ANO	2003
PAÍS	BRASIL
DIRETOR(A)	GUEL ARRAES
DURAÇÃO	1h46min
DATA DE EXIBIÇÃO	27 de julho 2023 - PRIMEIRA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- Cinema e como ele funciona.
- Como as histórias são construídas.
- Endeusamento dos filmes hollywoodianos.
- Filme se passa no interior brasileiro.
- Filme nos moldes hollywoodianos: mocinha, galã e vilão.
- Rio de Janeiro como centro de tudo, onde tudo é melhor do que em qualquer outro lugar.
- LISBELA: “Não sou americana para ser artista” LELÉU: “Nunca viu falar de artista nacional?”.

2. DINÂMICA APLICADA:

- Ao final do filme foi feita uma pergunta: “O que vocês acharam do filme?”.

3. COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- Perguntaram sobre o ano do filme (logo em seguida uma delas disse que já tinha nascido após eu falar que era de 2023).
- Comentei sobre a comparação que o filme faz com o cinema hollywoodiano e uma delas disse que Lisbela e o Prisioneiro vai para o jeitinho brasileiro.
- Uma delas lembra de Selton Mello (que é o prisioneiro em Lisbela e o Prisioneiro) de outro filme que já havia sido exibido para elas, que foi O Palhaço (2011).

- Uma das mulheres é boliviana, e começou a falar dessa relação que o filme coloca em cena, de dizer que tudo que tem no Rio de Janeiro é melhor, e o Nordeste é pior. ACONTECE UMA COMPARAÇÃO DO FILME COM A REALIDADE VIVIDA POR ELA - ela falou sobre o que já se ouviu de comparação do seu país Bolívia, com o Brasil, que já ouviu algumas pessoas dizerem que a Bolívia é pior e que o Brasil é melhor, mais desenvolvido. Ela fala que tem três filhos, um mais velho que nasceu na Bolívia e dois mais novos que nasceram no Brasil, e ela diz que vê uma diferença entre eles, e fala que uma das filhas que nasceu no Brasil se desenvolveu muito mais rápido que o filho mais velho no sentido de raciocínio, de já pensar em algo na hora e já falar.
- Uma das meninas disse que a sátira que o filme faz com a religião é falta de respeito, em seguida ela diz para outra menina que ela já fez parte daquela religião.
- Perguntaram se só iríamos exibir filmes nacionais.

5. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

- Dani estava conversando com uma das mulheres enquanto eu tentava colocar o filme para rodar na televisão, nisso eu estava prestando atenção do que ela dizia, estava falando sobre as atividades que acontecem no presídio, e que ela participava sempre que podia pois, nas palavras dela “**Todo aprendizado a gente tem que aproveitar**”.
- Eu e Dani estávamos arrumando o data show pois o áudio do filme não funcionou na televisão, e enquanto a gente arrumava as meninas que estavam na sala estavam comentando sobre o novo filme da Barbie, que acabara de ser lançado e que estava fazendo um sucesso estrondoso devido a publicidade que foi feita em volta dele.
- Nesse caso, as mulheres em privação de liberdade em sua grande maioria são jovens, o que dificulta na hora da curadoria dos filmes, pois temos que nos atentar aos temas tratados nessas obras, tentar perceber algo que vá fazer com que a atenção delas fique no filme que está sendo exibido.
- Uma das mulheres que estavam lá, que era mais velha, nos disse que era bom a gente levar filmes de ação, que aí elas iam gostar.

4.RELATÓRIO DA SESSÃO:

Em nossa primeira sessão do projeto, exibimos *Lisbela e o Prisioneiro*, a sala estava com um número considerável de mulheres, foram 15 no total. Percebi que muitas delas eram jovens, diferente da última vez, que a grande maioria eram mulheres mais velhas, e isso com certeza influencia em tudo. É preciso preparar todo o equipamento para a exibição dos filmes, e durante todo esse preparo, às vezes acontece de uma ou algumas dessas mulheres ficarem na sala e conversarem com a gente. Na nossa primeira sessão não foi diferente, enquanto eu testava o filme na televisão, a professora Daniela conversava com uma delas. Eu estava prestando atenção no que ela dizia, estava falando sobre as atividades que acontecem no presídio, e que ela participava sempre que podia, pois, nas palavras dela **“Todo aprendizado a gente tem que aproveitar”**. Fiquei feliz em ouvir ela falando isso porque senti uma abertura vindo dela em relação ao projeto e porque me faz pensar que cinema e educação em ambientes não convencionais, e não só na escola, faz todo sentido. O cinema é necessário em todos os lugares. Eu e Dani estávamos arrumando o data show pois o áudio do filme não funcionou na televisão, e, enquanto a gente arrumava, as meninas que estavam na sala estavam comentando sobre o novo filme da Barbie, que acabara de ser lançado e que estava fazendo um sucesso grandioso devido a publicidade. Antes de começar a sessão a Dani se apresentou e explicou o que era o projeto e sobre o que era o filme. Eu também falei um pouco, e logo em seguida demos início a sessão. Durante todo o filme percebi movimentações de muitas delas saindo da sala, e durante todas as saídas entrava um feixe de luz pela porta que ia diretamente para a tela onde estava passando o filme, se tornando impossível não se distrair. Mas, ao final da sessão, a psicóloga do presídio nos disse que aquelas saídas foram em função de algum procedimento que elas têm de seguir dentro do presídio. Talvez seja preciso mudar o dia da sessão para que não haja conflitos de horários para elas. Ao final da sessão, muitas delas já se levantaram e perguntaram se podiam sair da sala, Dani perguntou se elas não poderiam ficar para conversar sobre o filme, algumas ficaram, mas outras saíram. Demorou um pouco para que algumas delas falassem, o que me fez pensar que talvez seja necessário realizar alguma atividade para que esses comentários surjam com mais facilidade. A dinâmica nesse dia foi perguntar o que elas acharam do filme. *Lisbela e o Prisioneiro*

é um filme que segue todos os princípios do cinema clássico, é só assistir que vai entender tudo de primeira. Os temas tratados neles são diversos. Fala sobre como as histórias são construídas no cinema, trata do endeusamento do cinema hollywoodiano e como isso afeta diretamente o cinema de outros países, que, nesse caso, era o Brasil. Em determinada cena, Lisbela diz: “Não sou americana para ser artista”, e Leléu rebate: “Nunca ouviu falar de artista nacional?”. O filme traz esses dois lados, um da comparação com o cinema hollywoodiano, e junto dele a visão de que o cinema brasileiro é valioso e que se pode criar filmes incríveis com as ferramentas que estão ao nosso alcance; Douglas, o personagem que faz o noivo de Lisbela, também nos traz um tema muito importante para nossa discussão. Ele, durante todo o filme, endeuza a cidade do Rio de Janeiro, dizendo que tudo que tem lá é maior e melhor do que tudo que existe na cidade onde ele está, que, no caso, se situava no interior do nordeste do Brasil. Essa é uma discussão que podemos trazer para nossa realidade. Uma das mulheres que estava na sessão percebeu. Ela disse que era boliviana, e começou a falar dessa relação que o filme coloca em cena, de dizer que tudo que tem no Rio de Janeiro é melhor, e o Nordeste é pior. Ela nos trouxe uma realidade vivida por ela; nos disse que já ouviu muitas pessoas compararem seu país Bolívia com o Brasil, dizendo que Bolívia é pior e que Brasil é melhor e mais desenvolvido. Ela também falou que acabou percebendo um pouco desse desenvolvimento que muitos falam em sua filha, que nasceu no Brasil. Ela disse que tem três filhos, um mais velho que nasceu na Bolívia e dois mais novos que nasceram no Brasil. Ela diz que vê uma diferença entre eles, fala que sua filha que nasceu no Brasil se desenvolveu muito mais rápido que o filho mais velho no sentido de raciocínio, de já pensar em algo na hora e já falar. A discussão passou sobre as questões do filme, sobre Hollywood ser melhor cinema, sobre como Rio de Janeiro, no filme, é o centro de tudo e chegamos à discussão que uma delas trouxe sobre a vivência dela em relação ao país onde ela nasceu e o país onde ela vive. Comentei com elas que gostei dessa comparação que o filme traz sobre como é o cinema hollywoodiano e como o cinema brasileiro cria de outro jeito, e uma delas disse que é o “jeitinho brasileiro”. Uma delas nos perguntou se iríamos exibir apenas filmes nacionais, Dani disse que dependendo da demanda delas, poderíamos levar filmes de outras nacionalidades. Junto desse questionamento que ela fez, me veio o pensamento da idade delas, que a maioria ali são jovens, e pelas questões levantadas, sobre a gente só exibir filmes nacionais, me fez pensar que os filmes que

elas estão acostumadas a assistir são os hollywoodianos. E esse pensamento se concretizou quando a sala ficou vazia e apenas uma delas ficou, e nos disse que era bom a gente levar filmes de ação, que aí elas iam gostar. E ao ouvir a gente comentar sobre a quantidade de mulheres que estavam na sala, ela disse que só ficaram até o final porque tinha pipoca e refrigerante. Porém, isso é um impasse, porque minha pesquisa gira em torno dessa questão, de não definir o cinema apenas como entretenimento, de entender que ele está muito além disso, e que é preciso discutir essa situação. Nossa curadoria precisará tomar outros rumos, pois a idade da maioria que estão lá é menor do que esperávamos, porém, iremos manter, na medida do possível, o nosso pensamento sobre quais filmes se fazem necessários nesse projeto.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

FILME	BENZINHO
ANO	2018
PAÍS	BRASIL
DIRETOR(A)	GUSTAVO PIZZI
DURAÇÃO	1h38min
DATA DE EXIBIÇÃO	03 de agosto de 2023 – SEGUNDA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- O filme gira em torno de questões familiares e situações do cotidiano, onde o foco de toda história está voltado para Irene, que é uma mãe e que se encontra angustiada, e um tanto perdida, quando seu filho mais velho é convidado para jogar handebol na Alemanha
- Relação entre mãe e filho
- O sentimento de perda quando um filho resolve ir embora de casa
- Trabalha a questão de uma família de classe média endividada
- Tocam em questões que são vividas diariamente em nossa sociedade: agressão contra mulher; escolaridade “tardia”; relação patroa e empregada; relação afetiva com a família e uma mãe que está sempre sobrecarregada, que não tem tempo até mesmo de sentir.

2. DINÂMICA APLICADA:

- Nesse dia, assim que acabou o filme, elas já começaram a falar, não havendo uma pergunta prévia por parte da Dani ou minha.

3.COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- Uma das mulheres chegou na sala onde fazemos a exibição e me perguntou qual seria o filme, eu disse que o nome era Benzinho. Ela riu.
- Uma das mulheres disse que todas que estavam na última sessão, arrumaram emprego e se mudaram.
- Antes de começar o filme, Dani disse que em Benzinho outra mulher era a principal da história, porém com outras questões em comparação a Lisbela, do filme anterior. quando Dani disse isso, uma outra mulher comentou: “Lisbela era muito apaixonada”. Dani disse para ela voltar neste comentário ao final do filme.
- Durante a exibição do filme, ouvi uma delas dizer que a personagem principal era desgraçada.
- Em determinada cena do filme, todas riram e comentaram que tal personagem havia avisado que determinada situação iria acontecer.
- Ao final do filme, uma delas comenta que a mãe é superprotetora.
- Ao final da sessão uma delas fala que não sabe o que doeu mais na mãe, a casa ou a partida do Fernando (filho).
- Uma delas disse que não ter estudos e um bom emprego, torna tudo mais difícil.
- “Me senti na pele dos outros filhos, porque ela prefere o mais velho”. Dani comentou sobre ela não ser filha única e ela confirmou. Disse que a mãe dela prefere o Lucas (irmão)
- “Apaixonada pela família, diferente da Lisbela” diz uma das mulheres.
- Uma delas diz que a relação com a filha mudou completamente durante os anos.
- Uma delas, após ver a situação da vida da personagem no filme, diz ser igual, que quer fazer tudo no mesmo dia.

- Perguntaram do horário do filme, sugeriram que mudássemos para o sábado, porque todas, ou grande maioria, trabalham durante a semana, não podendo ir nas sessões.

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

- Apenas 6 internas participaram da sessão
- Pipoca e refrigerante chegaram na metade do filme - causando uma certa movimentação - barulhos dos saquinhos de pipoca
- Houveram muitas conversas durante a exibição do filme, às vezes eram comentários sobre o filme, às vezes não.
- Durante a sessão elas começaram a falar sobre ser preciso assinar um papel - Uma delas disse que não conseguia enxergar naquela escuridão, e porque também estava sem óculos, perguntou como as outras conseguiram - aí outra mulher disse que era pra ela esperar por uma cena do filme onde houvesse mais luz, que aí daria para assinar - A mulher que não conseguia enxergar, abriu a porta da sala para assinar o papel, causando um clarão em toda sala.
- Percebo que foi uma sessão mais agitada.
- Psicóloga disse que exibir filmes sobre família era ótimo, porque elas veriam a importância disso.
- Psicóloga comenta sobre uma interna que não foi na primeira sessão porque não podia, mas que deixou de ir na última porque não quis. Disse que se elas estivessem em regime fechado, seria diferente, porque no fechado, toda atividade oferecida é obrigatória a participação das internas.

5. RELATÓRIO DA SESSÃO:

Em nossa segunda sessão do projeto exibimos “Benzinho”, filme nacional. O filme gira em torno de questões familiares e situações do cotidiano, onde o foco de toda história está voltado para Irene, uma mãe que se encontra angustiada, e um tanto perdida, quando seu filho mais velho é convidado para jogar handebol na Alemanha. Retrata o afeto que existe em uma relação entre mãe e filho e os medos que permeiam essa relação, medos esses que são sentidos por parte da mãe. Mostra situações reais, que facilmente uma mãe se identificaria com o que estava

acontecendo no filme. Trabalha a questão de uma família de classe média endividada e também percorre por questões que são vividas diariamente em nossa sociedade: agressão contra mulher; escolaridade “tardia”; relação patroa e empregada; relação afetiva com a família e uma mãe que está sempre sobrecarregada, que não tem tempo até mesmo de sentir. Apresentei uma breve sinopse do filme, falei onde foi produzido, em que ano foi produzido e quem dirigiu. Conte também algumas curiosidades sobre realização. Diferente da última sessão que haviam 15 mulheres conosco, dessa vez teve um número menor, foram apenas 6 mulheres. Uma das mulheres disse que todas que estavam na última sessão, arrumaram emprego. Quando elas arrumam emprego, ficam parte do dia fora, não podendo estar presente nas sessões. Existe um questionamento que parte de mim, sobre o porquê muitas delas estão lá mas não participam das sessões, penso no que poderíamos fazer para haver maior participação, porém, sei que existem muitas questões que perpassam essa condição de privação de liberdade, que fazem com que muitas não sintam vontade de participar de determinadas atividades. Uma das mulheres chegou na sala onde fazemos a exibição, sentou na cadeira ao meu lado e me perguntou qual seria o filme, eu disse que o nome era “Benzinho”. Ela riu. Fiquei me perguntando o porquê da risada, se era algo positivo ou negativo. Toda e qualquer reação que acontece durante as sessões faz com que a gente pense em diversas coisas. Está bom? Está ruim? O que posso fazer para melhorar? Talvez a risada dela ao ouvir o nome do filme tenha sido apenas uma risada e nada mais. Antes de começar o filme, Dani disse que em Benzinho outra mulher era a personagem principal da história, porém, com outras questões em comparação a Lisbela, do filme anterior. quando Dani disse isso, uma outra mulher comentou: “Lisbela era muito apaixonada”. Dani disse para ela voltar neste comentário ao final do filme. Eu ainda tenho inexperiência nestas questões de perceber determinadas falas e perceber que posso tirar algo interessante, então, ter a Dani me orientando nessas sessões, está sendo de grande ajuda e aprendizado. Durante a exibição do filme, ouvi uma delas dizer que a personagem principal era desgraçada. Ela falou isso em decorrência da atitude da mãe na cena que estava passando, que foi onde ela percebeu que de fato o filho iria embora. Pareceu que ela estava vivendo a vida dela normalmente, me parecendo uma situação de transe; e foi naquele momento, quando seu filho disse que a partida dele seria no dia seguinte, que ela despertou para a vida real, de fato. Começou a agir de uma forma completamente histérica, gritando com todo mundo, dizendo que

tinham que arrumar todas as coisas da casa de praia que eles estavam porque não daria tempo se deixasse para o dia seguinte pois o filho teria que ir embora. Essa situação da cena incomodou uma das mulheres de alguma forma. Em determinada cena do filme, todas riram e comentaram que Thiago havia avisado que determinada situação iria acontecer. Thiago havia avisado que a casa em que eles moravam estava com mais uma rachadura, e que ela em algum momento iria desmoronar. Nessa cena que elas comentaram, houve uma briga e a parede quebrou. Ao final do filme, uma delas comenta que a mãe é superprotetora, e foi essa também, que lá no início, disse que a mãe era desgraçada. Essa mesma mulher, disse: “Me senti na pele dos outros filhos, porque ela prefere o mais velho”. Dani comentou sobre ela não ser filha única e ela confirmou. “Minha mãe sempre preferiu o Lucas (irmão)”. É interessante ver como o filme toca cada um de uma forma diferente, nela tocou dessa forma, senti que o filme retratou o que ela passa com sua mãe, fazendo com que ela não entendesse o lado dessa mãe do filme. Logo após ela falar isso, outra mulher que estava na sessão comentou: “Ela fala tudo isso porque não tem filho”. O debate foi caloroso, percebemos que filmes que falam sobre a condição familiar e que colocam a mulher como centro da discussão, geram variados pontos de vista. Uma delas fala que não sabe o que doeu mais na mãe, a casa com a parede destruída ou a partida do Fernando (filho). São questões que estão colocadas no filme, uma mãe que está vendo seu filho ir embora e que sonha em ter uma casa dos sonhos, com seu quarto e quarto para todos os filhos. Sonho esse que é de grande parte da população brasileira. Outra mulher disse que não ter estudos e um bom emprego, torna tudo mais difícil. Comentou isso vendo a situação da mãe no filme, que trabalha em empregos que não são fixos, que faz um trabalho aqui e outro ali para se sustentar, e que foi conseguir se formar no ensino médio na fase adulta. Ela não falou mais nada, mas nós sabemos quais são os motivos que tornam a vida muito mais difícil, e que existem muitas camadas em torno dessas questões. Outra mulher, que foi a última a chegar na sessão, diz ser igual a personagem principal, ela fala que quer fazer tudo no mesmo dia, se sobrecarregando. Porque faz compra, cuida da casa, leva o neto à escola porque ele não pode ir sozinho pois moram na beira do rio e é perigoso. Muitas delas se veem naquela situação. A mesma que falou sobre a mãe não saber o que mais doeu, se foi a parede destruída ou a partida do filho, disse que a relação com a filha dela mudou completamente durante os anos, que durante a infância a relação é uma, e durante a fase jovem, é outra. Mais uma vez, uma delas

se viu naquela situação, onde o filho quer a liberdade e se incomoda com as falas de cuidado e com a preocupação da mãe. Para ele, tudo aquilo não passa de um exagero. A mulher que lá no início disse que Lisbela era apaixonada, falou no final da sessão de Benzinho que diferente da Lisbela, que era muito apaixonada pelo cinema e pelas relações amorosas, essa mãe era apaixonada pela família, pelos seus filhos. A discussão pós filme estava acontecendo, porém, a psicóloga entrou na sala para fotografar a sessão e houve uma dispersão. Perguntaram sobre o dia de exibição dos filmes, sugeriram que mudássemos para o sábado, porque todas, ou grande maioria, trabalham durante a semana, não podendo ir às sessões. Percebemos que houve um interesse por parte delas quando elas sugeriram essa mudança, pensando nelas e nas outras que participaram da primeira sessão, mas que não puderam participar da segunda porque estavam trabalhando. Está sendo discutida a possibilidade de mudar as sessões pro sábado. Aconteceram algumas coisas que eu acho importante colocar neste relatório. Durante a sessão elas começaram a falar sobre ser preciso assinar um papel, em seguida uma delas disse que não conseguia enxergar naquela escuridão porque estava sem óculos, perguntou como as outras conseguiram. Outra mulher disse que era pra ela esperar por uma cena do filme onde houvesse mais luz, que aí daria para assinar. A mulher que não conseguia enxergar, não seguiu a dica que deram para ela. Ela foi e abriu a porta da sala para assinar o papel, causando um clarão em toda a sala. Pareceu uma urgência para ela. Esse papel que elas têm que assinar, é basicamente uma lista de presença que provam que elas estavam na sessão, ajudando, assim, na remissão de pena delas. A pipoca e o refrigerante chegaram na metade do filme, causando uma certa movimentação e barulhos dos saquinhos de pipoca. A professora Dani que leva a pipoca e o refrigerante. A cozinheira do presídio faz, e quando fica pronto, leva na sala. Há uma animação sempre que a pipoca chega, percebo isso em todas as sessões. Na última sessão, uma delas disse que as mulheres ficaram na sessão até o final porque tinha pipoca e refrigerante. Fiquei pensando nisso nesta segunda sessão, pois demorou mais que o normal para a pipoca chegar, e elas continuaram na sala, e deu para perceber que estavam gostando do filme, e ao final elas falaram que gostaram. Mas afinal, quem é que não gosta de ver um filme comendo pipoca e tomando um refrigerante? Não há coisa melhor. Percebo que foi uma sessão mais agitada, tanto em movimentações quanto em comentários. durante a sessão houveram muitas conversas e muitas saídas da sala, o que às vezes dá uma insegurança por achar

que não estão gostando do filme. Mas ao final foi o contrário, muitas delas comentaram sobre o filme, percebi até que algumas que não falaram na última sessão, falaram nessa. Me fazendo pensar que essa é uma relação que está sendo construída, e que leva tempo para perceber certas reações por parte delas e entender que todas ali presentes estão aprendendo de alguma forma. A psicóloga falou algo que ficou comigo, disse que exibir filmes sobre família era ótimo, porque elas veriam a importância disso. Eu ainda não sei bem como formular isso sem pressupor determinadas situações, mas foi um comentário que me deixou intrigada. A psicóloga também comentou sobre uma interna que não foi na primeira sessão porque não podia, mas que deixou de ir na última porque não quis. Disse que se elas estivessem em regime fechado, seria diferente, porque no fechado, todas as atividades oferecidas são obrigatórias. O que me chamou atenção foi ela fazer a comparação do regime aberto e semiaberto onde elas fazem o que elas “querem” para o regime fechado que elas são obrigadas a fazer tudo. Acho que não é a intenção de nenhum projeto fazer com que elas se sintam obrigadas a participar. Tem que participar quando se sentir à vontade e quando tiver vontade. Existem outros projetos na prisão, e provavelmente elas participam em pelo menos um desses, o que talvez possa fazer mais sentido naquele momento.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

FILME	AVASSALADORAS
ANO	2002
PAÍS	BRASIL
DIRETOR(A)	MARA MOURÃO
DURAÇÃO	1h33min
DATA DE EXIBIÇÃO	08 de agosto de 2023 – TERCEIRA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- Vida profissional e amorosa da mulher.
- Estereótipo da mulher solteira infeliz.
- Mulher que vive para o trabalho e não tem tempo para viver a vida.
- A busca da mulher pelo príncipe encantado.
- Homens vivendo a vida profissional e amorosa da melhor forma.

- O objetivo de todas as mulheres do filme, incluindo a principal, é de encontrar um homem para se relacionar.
- “A mulher sem um homem, é uma mulher infeliz”.
- Como “fisgar” um homem.
- Homem como o centro de tudo.

2. DINÂMICA APLICADA:

- Nesse dia, assim que acabou o filme, elas já começaram a falar, não havendo uma dinâmica ou uma pergunta prévia por parte da Dani ou minha.

3.COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- O amor é um problema para todas.
- Uma delas perguntou se o filme era nacional.
- “Tá parecendo o mercadão”.
- “Ele foi um dos que mais gostei”.
- “Ela se encontrou em si mesma”.
- “Cobrança nas mulheres é diferente” “trabalhar cuidar da casa e ainda tem que se preocupar com homem, vejo isso na minha família”.
- “Coloca um de terror, suspense...”.
- “Pode vir todo dia”.
- “semana que vem eu estou aqui de novo”.

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

- Havia 9 mulheres no início da sessão, porém, algumas foram saindo, ficando apenas 5 no final.
- Percebi que durante as sessões elas falam mais sobre as histórias dos filmes, relacionando com a vida delas e de seus familiares. Elas ainda não questionaram sobre alguma questão técnica dos filmes. Me veio essa questão na cabeça, pois na primeira sessão que participei, antes de ser estagiária do projeto e antes de decidir meu tema de TCC, algumas delas, que não estão mais lá, fizeram questionamentos sobre questões técnicas.

- Mais uma sessão que elas se dispersam sobre a assinatura no documento que provam a presença delas no projeto - remição de pena.
- Dani e eu decidimos exibir filmes que apresentam mulheres diferentes no papel principal.
- Uma interna chegou quase no final do filme.
- Ao entrar na penitenciária ouvi duas internas conversando, uma delas perguntou quanto tempo a outra ainda tinha, ela disse que quatro anos.

5. RELATÓRIO DA SESSÃO:

Hoje, ao entrar na penitenciária, ouvi duas internas conversando, uma delas perguntou quanto tempo a outra ainda tinha, ela respondeu que quatro anos, a que perguntou respondeu: “Tudo isso ainda?”. Ouvir esse diálogo me fez pensar em determinadas coisas que eu já penso há muito tempo sobre o sistema prisional do Brasil. Para muitas delas, a única perspectiva de futuro, é sair. Antes mesmo de começar as sessões, eu sabia que questões como essas poderiam me atravessar, na verdade, sempre achei muito improvável que não acontecesse. Saber lidar com essa situação e a condição dessas mulheres sempre foi uma questão. Vejo que é um processo diário. Em nossa terceira sessão exibimos “Avassaladoras”, filme nacional de 2002. Um filme, que mais uma vez, tinha uma mulher como personagem principal. As questões postas neste longa-metragem são completamente retrógradadas se for pensar nos dias atuais. Nele, a mulher ainda é posta como um ser humano que vive para encontrar o homem perfeito, o “príncipe encantado”. A vida profissional é posta em jogo, mas nada fora do normal, ela trabalhar é simplesmente algo da vida, mas ela não ter um relacionamento, é anormal. Ela precisa encontrar um homem, ela precisa casar e ter filhos para, assim, ser uma mulher “normal”. O filme é, em toda sua forma, estereotipado. Colocando as mulheres em lugares completamente indevidos. Machismo e misoginia estão descaradamente estampados nos personagens homens. Se a mulher está solteira ela é infeliz, se a mulher dedica sua vida ao trabalho ela está errada, pois deveria estar à procura de um homem. Um filme que era para ter como foco as mulheres, levando em consideração o nome “Avassaladoras”, na verdade, colocou o homem como o centro de tudo. “A mulher sem um homem, é uma mulher infeliz”. Nessa sessão haviam internas novas, que não

participaram da última sessão. No total, eram 9. Como de costume, apresentamos o filme e Dani explicou a intenção do projeto de extensão, já que a grande maioria não estava presente na última sessão e nem na primeira. Começamos a sessão e percebi a movimentação de algumas delas, foram quatro no total, que saíram da sala. Percebi que elas não voltaram mais. No fim, ficaram apenas 5 internas. Penso que algumas possam não ter gostado do filme, o que pode acontecer. No final da sessão, a psicóloga disse que uma das que saíram não estava se sentindo bem. Mais uma sessão em que elas se dispersam sobre a assinatura no documento que provam a presença delas no projeto. Muitas vezes acho que essas situações podem gerar uma falta de atenção, fico pensando se elas estão gostando de fato do filme. Mas sempre quando chega no fim, elas comentam sobre, falam que gostaram, fazendo com que o pensamento que tive se esvai. Preocupações vêm e vão quando estamos em um projeto exibindo filmes com a intenção de que elas gostem e que elas discutem com a gente sobre infinitas coisas, mas, com o pensamento de que às vezes isso possa não vir a acontecer. Há também desencontros nesses encontros. Uma interna chegou quase no final do filme, vi ela quando estava entrando na penitenciária, ela disse que estava indo fazer uma consulta no posto de saúde. Percebi que durante as sessões elas falam mais sobre as histórias dos filmes, relacionando com a vida delas e de seus familiares. Elas ainda não questionaram sobre alguma questão técnica dos filmes. Me veio esse pensamento, pois na primeira sessão que participei, antes de ser estagiária do projeto e antes de decidir meu tema de TCC, algumas delas, que não estão mais lá, fizeram questionamentos sobre questões técnicas. É interessante perceber essa diversidade de discussões, o que não poderia ser diferente se tratando do cinema. As pessoas e seus interesses mudam. Dani e eu decidimos exibir filmes que apresentam mulheres diferentes no papel principal. Percebemos que seguimos esse padrão de exibir filmes com mulheres no papel principal, e todas elas são diferentes umas das outras, então decidimos continuar, já que estamos recebendo uma devolutiva positiva. Pretendemos, após esse ciclo de apresentar mulheres de diversas personalidades, exibir filmes que seguem outro padrão de produção. Ao final da sessão, como da última vez, assim que acabou o filme, elas já começaram a falar. Definitivamente, trazer mulheres como personagens principais tem rendido bons debates. Antes de começar a exibição, eu apresentei a personagem e disse por qual situação ela passava, e uma das internas disse: “O amor é um problema para todas”. A mesma interna que fez esse comentário, perguntou, em um tom de quase certeza,

se o filme era nacional. Em quase todas as sessões surge esse questionamento. Talvez elas estejam recebendo esses filmes com mais aprovação. Durante a sessão, uma delas falou: “Tá parecendo o mercadão”, e as outras concordaram. A cena em questão, é quando a personagem principal entra na loja de seu pretendente, loja essa que tem disponível diversas coisas para a venda. Elas lembraram do Mercadão Municipal de Campo Grande- MS. Um lugar que é basicamente um barracão, e dentro dele tem várias lojas, e nelas são vendidas diversas coisas, vai de comida a chapéu. Ao final da sessão, uma delas disse que esse filme tinha sido o que ela mais gostou. Disse também que a personagem se encontrou em si mesma. No final, a personagem muda de país e não fica com ninguém, o que, para maioria delas, pareceu algo positivo. Disseram que a cobrança sobre as mulheres é diferente, pois tem que fazer tudo na vida muito bem e ainda se preocupar em arrumar o amor da vida. Uma delas disse que vê isso em sua família. Existem diversas comparações iguais a essas, elas se veem na história ou percebem uma situação vivenciada por suas famílias. São situações que parecem fúteis, mas que são vivenciadas por grande parte das mulheres, então, não tem como não existir comparações. Enquanto saiam da sala, uma delas disse: “Coloca um terror, um suspense”. E logo a Dani já pensou em um filme que caberia no que ela pediu, e vamos exibir, e é nacional. O ato delas pedirem determinados filmes é importante, porque nos traz uma possibilidade de exibir filmes feitos no Brasil. Ela pediu um de terror e vamos exibir um de terror, produzido no Brasil, e não em Hollywood. Talvez essa seja uma oportunidade de mostrar a elas que nosso país produz assim como qualquer outro país. A mesma interna que pediu filme de terror e suspense disse que era pra gente ir exibir filmes todos os dias, e foi a primeira vez que ela foi. Comentários assim trazem um conforto, porque vemos que existe uma vontade de conhecer mais do nosso cinema, de conversar e debater sobre ele. a última a sair da sala disse: “Semana que vem estarei aqui de novo”. Com certeza estaremos lá, também.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

FILME	QUE HORAS ELA VOLTA?
ANO	2015
PAÍS	BRASIL
DIRETOR(A)	ANNA MUYLEAERT
DURAÇÃO	1h52min
DATA DE EXIBIÇÃO	15 de agosto de 2023 – QUARTA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- Classe social.
- Relação da empregada doméstica com os empregadores.
- Quem pode estar em uma universidade?
- Mulher que precisa deixar sua família e sua cidade natal para tentar uma vida melhor na cidade metropolitana.
- Pais que vivem para o trabalho e o filho é criado pela babá/empregada doméstica.
- Migração de um estado para o outro.
- Preconceito linguístico/xenofobia.
- Qual o lugar da empregada e de seus familiares?
- A empregada é da família?
- Pobre estuda? Tem capacidade de entrar em uma universidade?

2. DINÂMICA APLICADA:

- Ao final do filme foi feita uma pergunta: “O que vocês acharam do filme?”.

3. COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- “Eu fico aqui no fundo, mas sou a que mais fala” Mulher 1.
- “Olha a mãe do Fernando” Mulher 1.
- “Eu acho que ela vai se desfazer dela” Mulher 1.
- “Ela tem um neném” Mulher 2.
- “Essa mulher é inútil” Mulher 2.
- “Esse filme é velho” Mulher 2.
- “Largar a família dela para cuidar dessa família” Mulher 1.
- “Ela vai entrar na piscina e conversar com a filha” Mulher 2.

- “Agora ela vai embora” Mulher 1.
- “Agora ela vai. Agora já era” Mulher 2.
- “Foi para uma ocasião especial” Mulher 2.
- “Deixei meus filhos para viver no mundo das drogas e sei que eles perguntam de mim para minha mãe” Mulher 4.
- “Ela precisou” Mulher 2.
- “Quero a segunda parte” Mulher 3.
- “Fez coisas que ela não podia fazer” Mulher 2.
- “A patroa não reconhecia nada que ela fazia” Mulher 2.
- Dani perguntou sobre a atitude do patrão para com Jessica, filha de Val, e elas disseram que ele estava dando em cima da menina, Dani perguntou o porquê e elas disseram que era por conta dos olhares e da atenção que ele dava para ela. A partir daí, Dani explicou que tínhamos esse entendimento que ele estava dando em cima dela por conta do movimento de câmera e o enquadramento no rosto dele.
- “Nosso país gosta de coisas de fora, dá muito valor - temos que dar valor para coisas feitas na nossa terra” Mulher 2.
- “A maioria dos livros que leio, depois vejo o filme” Mulher 2.
- “No livro a gente imagina a história, no filme a gente vê a imagem” Mulher 3.
- Agora é voltar para realidade - Mulher 3.

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

- Mais uma vez o grupo de mulheres estava diversificado, apenas três delas estavam na última sessão - três mulheres novas.
- Foi a primeira vez, no quarto dia de sessão, que conseguimos trabalhar a linguagem cinematográfica.
- Psicóloga sugeriu que nós exibíssemos algum filme que contasse alguma história de violência contra mulher, por conta do agosto lilás
- Sempre no início da sessão alguma delas pergunta qual o nome do filme do dia.
- tinham 7 no início da sessão, uma saiu ainda no início e ficou apenas 6
- Uma delas já havia visto o filme e durante a sessão ficava falando o que iria acontecer, e as outras mulheres queriam saber, ficavam pedindo para ela falar.

- Ao final da sessão, a maioria delas pediram filmes de terror, a maioria deles filmes americanos.
- Ao final da sessão uma delas foi ao banheiro, mas voltou para a conversa que estava tendo.
- Primeiro dia que elas ficaram por mais tempo falando sobre o filme e sobre os livros que elas gostam de ler.
- Elas falaram que iam voltar semana que vem.

5. RELATÓRIO DA SESSÃO:

Em nossa quarta sessão exibimos “Que horas ela volta?”, filme nacional, lançado em 2015, com uma grande aprovação do público, chegando a ser exibido em canal aberto. Que horas ela volta? conta a história de uma mulher e mãe que precisou ir embora de seu estado natal, Pernambuco, para trabalhar em outro estado, nesse caso São Paulo, que é tido como a metrópole do Brasil, onde todos vão em busca de uma vida melhor. Val trabalha como empregada doméstica e babá de uma criança de 4 anos. Ela praticamente cria a criança, com quem constrói um laço afetivo. Mas em meio a todos esses “laços afetivos”, surgem questões em como essa funcionária está posta nessa situação. Falam que ela é da família, mas não é, pois as situações que ela é colocada não é algo que alguém da família faria, ou pelo menos é o que se espera. Ela dorme em um quatinho nos fundos de casa, pequeno, quente e repleto de pernilongos. Ela não pode tomar sorvete, não pode tomar banho de piscina, pois ali não é o lugar dela. Jéssica, filha de Val, vai fazer o vestibular da melhor universidade do estado de São Paulo e é aprovada na primeira fase, quando isso acontece, a patroa e o filho se assustam, como a filha da empregada conseguiu e meu filho não? São questões como essa que são postas em tela e que nos faz questionar aquela situação e a sociedade. Hoje tinham 7 mulheres na sessão, uma saiu ainda no início do filme e não voltou mais. No final ficaram apenas 6, sendo que três delas haviam participado de outras sessões, e três delas eram novas. Toda semana o grupo de mulheres é diversificado, isso por conta do trabalho. Muitas delas arrumam emprego no decorrer da semana, fazendo com que não possam estar presentes nas sessões. Isso com certeza não é um ponto negativo, pois outras delas estão conhecendo o projeto e participando cada vez mais, mas por muitas vezes me frustro, pois sei que muitas delas gostariam de participar das sessões, me fazendo

pensar, também, na questão do acesso que elas não têm. Em todo início de sessão uma delas pergunta qual o nome do filme do dia, quando respondemos elas fazem uma cara, mas nunca sabemos o que significa, ficamos apenas no campo das ideias. Mas acho que isso vem apenas se tornando parte desses encontros, pode ser apenas uma curiosidade. Penso que elas possam projetar o filme apenas pelo nome. Antes de começar a sessão a psicóloga entrou na sala e falou para uma das mulheres sentar mais na frente, a mesma respondeu: “Eu fico aqui no fundo, mas sou a que mais fala”, vou nomeá-la como **Mulher 1**. E realmente é isso, só na primeira sessão que ela não falou muito, mas em todas as outras ela é a que mais fala. Ela mesma disse no início da sessão: “Olha a mãe do Fernando” lembrando da atriz que fez outro filme que também exibimos pra elas, nesse caso foi “Benzinho”. Ver elas lembrando dos outros filmes, dos personagens, faz com que eu pense que elas estão gostando, que esses filmes estão marcando-as de alguma forma. Em uma cena do filme, a Val, a empregada, dá um presente para a patroa, é um jogo de pires, xícaras e uma garrafa de café, porém a patroa acha ridículo, e não quer que ela utilize o presente ali na casa, antes mesmo dessa situação acontecer, a **Mulher 2** disse: “Eu acho que ela vai se desfazer dela” já percebendo as pequenas micros agressões que Val vinha sofrendo durante o filme. Durante a sessão ouço vários murmurinhos vindo delas. Outra mulher, que vou nomeá-la como **Mulher 2**, já havia assistido o filme, e durante a sessão ela ficava falando o que iria acontecer, primeiro foi “Ela tem um neném” sobre Jéssica, filha de Val, ter um filho. Ela falou isso em uma cena em que Jéssica fala ao telefone com uma possível amiga. Depois ela falou para as outras mulheres que o filme era velho. Em outra cena ela diz: “Ela vai entrar na piscina e conversar com a filha”, depois dessa fala às mulheres ficaram perguntando para ela o que iria acontecer, porém, ela disse que não lembrava direito. Mas das partes que eu a ouvi falando, ela lembrava muito bem. A **Mulher 2** diz que a patroa de Val é inútil, pois quando Val foi contar que a filha Jéssica havia sido aprovada na primeira fase do vestibular, que foi o mesmo que seu filho não havia conseguido, ela começou a desdenhar a felicidade de Val e a conquista de Jéssica, dizendo que não adiantava nada ela ter passado na primeira fase se não passar nas outras. A **Mulher 1** se mostrou indignada com a situação de Val desde o início, contestando o porquê dela ter abandonado a família para ir cuidar dessa outra família que nem era a dela. Ela disse “Largar a família dela para cuidar dessa família”. **Mulher 1** diz: “Agora ela vai embora”. Em seguida, a **Mulher 2** diz: “Agora ela vai. Agora já era” as duas estavam

falando sobre a cena em que o filho da patroa vai embora para Austrália e Val pede as contas, mostrando que o que mantinha ela no emprego, era o jovem que ela cuidou desde criança. Val vai embora para morar com sua filha e leva o jogo de xícaras que deu para sua ex-patroa. Quando ela chega em casa e mostra as xícaras para a filha, a **Mulher 2** diz: “Foi para uma ocasião especial” lembrando do início do filme quando a patroa disse que usaria as xícaras em uma ocasião especial, mas que quando Val pegou para usar em sua comemoração de aniversário, ela fez Val usar outras. Mal acabou a sessão e a **Mulher 3** disse que queria a segunda parte do filme, Dani perguntou o porquê de ela querer a segunda parte e ela disse que queria ver como se deu a vida de Val, Jessica e seu neto após ela pedir demissão. Sempre que envolve o tema mãe, sentimos que elas se envolvem mais com a história, fazem mais comentários acerca de toda situação passada pelo filme, elas sentem mais, nos gestos e nas falas. A **Mulher 1**, como eu disse, questionou o porquê de a Val ter “abandonado” sua família, a **Mulher 2** disse que foi porque ela precisou. São várias visões postas nessas nossas conversas/debates. Cada uma com sua visão, às vezes concordando umas com as outras, às vezes não. Teve apenas duas mulheres novas na sessão de hoje, a **Mulher 2** e a **Mulher 4**. A **Mulher 4**, ao fim da sessão, disse para Dani: “Deixei meus filhos para viver no mundo das drogas e sei que eles perguntam de mim para minha mãe”, ela relacionou a vida dela com a da mãe que precisou ir embora para trabalhar, mesmo sendo em contextos diferentes. Vou abrir um parêntese sobre esse momento. No final, indo embora com Dani, disse para ela que essa sempre foi, e ainda é, uma questão para mim, saber como vou lidar com situações como essa, que a pessoa vai falar para mim algo muito íntimo da vida dela. Como reagir a isso? Devo reagir? Enfim, antes de participar do projeto eu já pensava como o sistema carcerário no Brasil é extremamente falho, mas quando você está ali convivendo com essas mulheres semanalmente, mesmo que por poucas horas, você fica mais atenta em relação a esse sistema. Fica mais crítica. Porque se você é brasileiro e procura saber como funciona o sistema carcerário no Brasil, você sabe o porquê mulheres são presas e em quais situações são presas. Esse não é o foco da minha pesquisa, mas é impossível estar vivendo isso e não pensar sobre toda essa situação. Voltando aos comentários das mulheres, a **Mulher 2** disse que Jéssica fez as coisas que a mãe dela não podia fazer na casa dos patrões, como dormir no quarto dos hóspedes, tomar um sorvete, tomar banho de piscina. Jéssica entrou para a história para mostrar para o espectador e para sua mãe, que elas podem estar em

todos os lugares, e que esses espaços não podem ser negados para elas, e que, independentemente de qualquer coisa, elas estariam presentes nesses lugares. Em determinada cena, o patrão dá em cima da filha de Val, ao final da sessão, Dani às questiona sobre essa situação. Elas disseram que ele estava dando em cima da menina, Dani perguntou o porquê e elas disseram que por conta dos olhares e da atenção que ele dava para ela. A partir daí, Dani explicou que tínhamos esse entendimento que ele estava dando em cima dela por conta do movimento de câmera e o enquadramento no rosto dele, que nos levava a perceber o que ele estava fazendo com Jéssica. Foi a primeira vez, em quatro sessões, que conseguimos trabalhar a linguagem cinematográfica com elas. Grande parte delas, mais uma vez, pediram para que a gente exibisse filmes de terror e suspense, uma delas, a **Mulher 5**, até citou dois que ela gostaria que exibisse, era “A Casa de Cera” e “Annabelle”, filmes produzidos nos Estados Unidos. Dani explicou que o intuito do projeto era exibir filmes nacionais, nisso, a **Mulher 2** disse: “Nosso país gosta de coisas de fora, dá muito valor - temos que dar valor para coisas feitas na nossa terra.” Ouvir isso deu um gás, mesmo sabendo que a maioria delas estavam pedindo filmes de terror. Mas sinto que apesar desses pedidos, elas estão gostando dos filmes que estamos levando, existe uma aprovação. Inclusive, hoje foi um dia que elas falaram muito, sobre tudo. A **Mulher 2** disse que gosta de ler, e que a maioria dos livros que ela lê, depois ela vê a adaptação cinematográfica dos livros. Dani disse que isso é o que o cinema faz, também, adaptações. Transformando a história do livro em um filme. “No livro a gente imagina a história, no filme a gente vê a imagem” disse a **Mulher 3**. Surgiram questões interessantes nesse encontro, discussões que podemos levar para outras sessões, como a questão da técnica do enquadramento e movimento de câmera que Dani explicou. Digo que essa foi uma sessão interessante, pois ao final da sessão, a **Mulher 5** disse que precisava ir ao banheiro. Ela foi e voltou. Normalmente quando elas saem no final, não voltam mais. São nessas pequenas atitudes que vejo que estamos caminhando, encontrando um caminho. A **Mulher 3**, ao sair da sala, disse: “Agora é voltar para realidade”, como se nossa sessão de todas as terças-feiras fosse um outro mundo onde elas podem ser e viver outras experiências que não são proporcionadas para elas diariamente naquele espaço de privação não só de liberdade, mas de tantas outras coisas. A psicóloga sugeriu que nós exibíssemos algum filme que contasse alguma história de violência contra mulher, por conta da

campanha do agosto Lilás, que é um movimento de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

-

FILME	AS BOAS MANEIRAS
ANO	2018
PAÍS	BRASIL
DIRETOR(A)	JULIANA ROJAS, MARCO DUTRA
DURAÇÃO	2h15m
DATA DE EXIBIÇÃO	22 de agosto de 2023 – QUINTA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- Maternidade solo.
- Classe social.
- Raça.
- Sexualidade.
- Relação entre duas mulheres.

2. DINÂMICA APLICADA:

- Ao final do filme foi feita uma pergunta: “O que vocês acharam do filme?”.

3. COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- Será que ela foi abusada? Mulher 1.
- É sapatão? Mulher 2.
- Por isso que ela perguntou se o filho era normal - Mulher 3.
- Agora ela vai presa? Mulher 3.
- Por que ela vai presa? Mulher 4.
- Depois vou até sonhar - Mulher 3.
- Gente, que filme louco - Mulher 4.
- Tem o dois? Mulher 3.

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

- Hoje a sessão demorou a começar por conta de problemas técnicos
- Mais uma vez o grupo de mulheres estava diversificado. Hoje começamos com 7 mulheres, era a primeira vez de 4 delas, as outras 3 já haviam vindo em outras sessões.
- 5 delas saíram da sessão, ficando apenas 2 no final.
- Me perguntaram as horas durante a sessão - Mulher 5.
- Me perguntaram o nome do filme e eu disse que era “As Boas Maneiras” e ela disse que estava precisando mesmo ver - Mulher 2.
- Uma mulher entrou na sessão na metade do filme.
- A movimentação e as conversas foram intensas nesta sessão.
- As mulheres mais jovens se dispersam com mais facilidade.

5. RELATÓRIO DA SESSÃO:

Hoje a sessão atrasou por conta de problemas técnicos, o que acontece com uma certa frequência, mas demoramos um pouco mais para solucionar o problema. Quando isso acontece, bate um nervosismo, pois as mulheres já estão na sala, aguardando a sessão começar. Iniciamos a sessão falando um pouco sobre o intuito do projeto, porque, mais uma vez, haviam mulheres novas na sessão. Mais uma vez me perguntaram qual era o filme, disse que era “As Boas Maneiras” e uma das mulheres, que vou nomeá-la como **Mulher 2**, disse que estava mesmo precisando ver esse filme. Normalmente quando elas comentam essas coisas, eu fico apenas no campo da imaginação. Tentando imaginar o que elas queriam dizer. Nesse caso, penso que ela disse isso por conta de toda essa situação que ela está passando, por estar em uma prisão, um lugar onde ela tem que ter “boas maneiras”. O filme que exibimos hoje, mais uma vez, trouxe mulheres como personagens principais, porém, com personalidades e histórias diferentes umas das outras. No caso de “As Boas Maneiras” temos Clara e Ana, mulheres de mundos diferentes, que acabaram se encontrando e tendo uma relação. O filme perpassa o gênero terror e fantasia. Terror é um gênero que elas pedem muito, exibimos esse por conta de um pedido de uma

delas, que queria um filme de terror. Porém, ela não estava na sessão pois havia arrumado um emprego. Ele trata de diversos temas, mas com uma certa suavidade, sem um aprofundamento, as questões são apenas colocadas. Ana é uma mulher (branca) que está grávida e precisa de uma pessoa para lhe ajudar, nisso ela acaba contratando Clara, uma mulher (negra) que passa a fazer tudo em sua casa. No decorrer do filme são postas essas questões por meio dessa relação que se criou, questões estas que perpassam por raça, classe social, sexualidade, maternidade solo e um relacionamento lésbico. Todas essas questões são perpassadas, e em nenhuma delas o filme se aprofunda, deixando isso para o espectador. Durante a sessão acontecem diversos comentários, igual em todas as outras vezes. Assim que o filme iniciou, a **Mulher 1**, que saiu da sessão antes do filme acabar, perguntou para as outras mulheres: “Será que ela foi abusada?” Isso porque Ana, a personagem que estava grávida, mantinha um segredo sobre sua gravidez, não falando quem era o pai ou como tudo aconteceu em sua história de vida passada. A explicação sobre sua gravidez surgiu na metade do filme, mas a mulher já havia saído da sala. Assim que a relação das duas personagens começou tomar outro rumo, as mulheres começaram a se questionar se elas, ou apenas Ana, era lésbica. A **Mulher 2** perguntou meio que afirmando: “É sapatão?” após perceber uma certa aproximação entre as personagens. Houveram muitas brincadeiras paralelas entre elas sobre a relação das personagens, muitas vezes fazendo ligações com a vida delas. Durante todas as sessões elas conversam, mas hoje a movimentação e as conversas foram mais intensas, e são nesses momentos que eu me pergunto se elas estão conseguindo prestar atenção, porque, por a sala ser pequena, os sons se misturam, o som do filme com as conversas delas, e muitas vezes não dá para entender o que se passa no filme. Porém, sempre acontece algo que me faz repensar essa minha dúvida se elas estão conseguindo prestar atenção no filme. Um exemplo nessa sessão, foi quando a **Mulher 3** disse: “Por isso que ela perguntou se o filho era normal”. Em determinada cena do filme, quase na metade, a personagem fala do seu filho que está para nascer, que ele é fruto de um homem que era lobisomem, logo o filho seria também. A **Mulher 3** falou isso, porque lá no início do filme, quando a personagem foi fazer um ultrassom, perguntou para o médico se o filho dela era normal. Nessa cena eu tive que me esforçar para entender o que a personagem havia perguntado para o médico, devido ao som da televisão que não reproduz com uma qualidade razoável e porque as internas estavam conversando entre si enquanto assistiam. Eu quase não entendi o

diálogo, mas a **Mulher 3** conseguiu, e provavelmente outras delas, também. Ou seja, elas estão sim, prestando atenção enquanto conversam entre si, e talvez essa minha preocupação sobre elas estarem entendendo ou prestando atenção no filme, não faça tanto sentido. Porque pelos comentários que elas fazem no final da sessão e durante o filme já mostra que elas estão se conectando com a história. Na verdade, esse incômodo e preocupação faz com que eu não preste atenção em determinadas situações do filme. Para além das sessões, tenho que me entender em todo esse processo, e também entender as particularidades desse ambiente que é a prisão. A personagem Ana morre no filme, e nessa cena Clara está com ela, assim que a personagem morre a **Mulher 3** pergunta: “Agora ela vai presa?”, se referindo a Clara. A **Mulher 4** devolve a pergunta: “por que ela vai presa?” A **Mulher 3** deu risada e falou: “Ai, amiga, ela estava com ela”. A **Mulher 4** entendeu que Clara não tinha feito nada, por isso não seria presa. Muitas delas ficaram assustadas com algumas cenas, chegando a falar que não iam conseguir dormir à noite. Falaram também que era um filme muito louco, diferente de tudo que elas já viram. De fato, a história era completamente diferente das outras que elas haviam visto anteriormente no projeto. Uma mulher entrou na sessão, as outras falaram que ela chegou tarde porque a pipoca e o refrigerante já tinham acabado, ela se lamentou, ficou um pouco na sala e saiu logo em seguida. No final, a **Mulher 3** perguntou se havia uma segunda parte do filme porque ela queria saber o que iria acontecer com os personagens. Mais uma vez o grupo de mulheres estava diversificado. Hoje começamos a sessão com 7 mulheres, era a primeira vez de 4 delas, as outras 3 já participaram de outras sessões. Hoje eu senti que a maioria delas estavam mais inquietas, falando muito, saindo da sala o tempo inteiro. Ao final, tínhamos apenas 2 mulheres na sala. A última que saiu me perguntou o horário duas vezes antes de sair. Ela queria ter visto o final do filme, mas teve que sair pois tinha que lavar louça. Elas fazem essas tarefas durante o dia, e tem os horários marcados. Percebemos que as mulheres mais jovens dispersam com mais facilidade, nessa última sessão elas saíram bem antes do filme acabar. Não sei se foi porque elas não gostaram do filme ou se acharam ele longo, levando em consideração que esse foi o mais longo que levamos durante todas as sessões.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

FILME	PRIMEIRO EPISÓDIO DA SÉRIE “ MAID ”
ANO	2021
PAÍS	ESTADOS UNIDOS
DIRETOR(A)	MOLLY SMITH METZLER
DURAÇÃO	50min22seg
DATA DE EXIBIÇÃO	29 de agosto de 2023 - SEXTA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- Assistência social nos Estados Unidos.
- Acesso aos direitos básicos (moradia, saúde, creche, alimentação, etc).
- Violência doméstica.
- Mercado de trabalho para pessoas menos favorecidas.
- Tempo de trabalho.
- Ganho salarial precário.
- Relação mãe e filha.

2. DINÂMICA APLICADA:

- Ao final do filme foi feita uma pergunta: “O que vocês acharam da série?”.

3. COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- Eu vim hoje, mas só estou esperando a condicional – Mulher 1.
- Não vai ficar para um dia de remição, ela vai para rua. (Mulher 1)
- Disse que a mãe foi no primeiro cinema da cidade, que ficava perto do presídio (Autocine) – Mulher 1.
- Não vai ficar para um dia de remissão, vai pra rua – Mulher 1.
- Perguntou se a personagem sofria agressão física após minha apresentação sobre a série – Mulher 3.
- Meio do nada, como vai pedir ajuda para alguém? – Mulher 1.
- Jogou tudo fora? Mulher 1.
- Ela vai pegar – Mulher 2.
- Ela viaja, né? – Mulher 1.
- Conquistar o objetivo dela – Mulher 3.
- Acho que ela não volta com ele porque pareceu decidida – Mulher 1.
- Pressão psicológica – Mulher 3.

- Para existir tem que ter uma casa – Mulher 1.
- Custo de vida alto – Mulher 1.
- Se eu não terminar aqui, eu vou terminar na rua, no meu celular – Mulher 3.
- As marcas ficam – Mulher 1.
- Já vivi isso – Mulher 1.
- Vai nos alcoólicos anônimos e acha que melhorou – Mulher 1.
- A pessoa gritando com você, te oprimindo, a gente fica se sentindo diminuída – Mulher 1.
- Quando afeta a filha – Mulher 2.
- Essa série vai mostrar mais do que ela passou com o marido – Mulher 3.
- Aconteceu alguma coisa com a criança daquela mulher – Mulher 3.
- Você não vai chegar na casa da patroa e comer as coisas delas – Mulher 2.
- Relaxa a mente, melhor do que ficar só trancada - Mulher 3.

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES

- Hoje cinco mulheres estavam presentes na sessão, três delas novas e duas delas já haviam participado de outras sessões. Mais uma vez acontece a rotatividade de toda semana.
- Chegaram na sala falando de maratonar alguma coisa, sem antes saber que iríamos exibir um episódio da série.
- Semana passada falei na computação gráfica presente no filme “As Boas Maneiras”, e na sessão de hoje, uma delas, que precisou sair no finalzinho da sessão para lavar louça, me disse que percebeu essa computação gráfica no filme, disse que percebeu na paisagem da cidade, nos prédios e no lobisomem.
- Hoje ninguém saiu da sala.

5.RELATÓRIO DA SESSÃO:

Em nossa sexta sessão exibimos o primeiro episódio da série “Maid”, produzida nos Estados Unidos, onde o principal tema é a violência doméstica sofrida pela personagem principal, que sai de casa após uma agressão do marido, que de certa forma, atingiu sua filha. Apesar de esse ser o ponto focal da série, ela também trata

sobre como funciona o sistema nos Estados Unidos, no sentido de acesso aos direitos básicos, como moradia, saúde, creche, alimentação, etc. Trata, também, sobre o mercado de trabalho e as condições precárias às quais as pessoas são submetidas, como ganho salarial precário e tempo de trabalho. E mais uma vez, a personagem principal é uma mulher, que traz consigo diversas questões, tanto individuais quanto coletivas. Elas chegaram na sala falando de maratonar alguma coisa, sem antes saber que iríamos exibir um episódio da série. Em sessões anteriores, elas perguntaram se os filmes tinham uma continuação, pois eles não acabaram do jeito tradicional, o final feliz. Foram finais em aberto, o que acontece em produção seriada. Eles deixam um “gancho” para o próximo episódio, com a intenção que o espectador continue acompanhando. Hoje cinco mulheres estavam presentes na sessão, três delas novas e duas que já haviam participado. Mais uma vez acontece a rotatividade de toda semana. Elas começam a trabalhar e não tem como participar, semana que vem, provavelmente, a maioria delas não estarão, palavra delas e da psicóloga. Devido ao agosto lilás, a psicóloga sugeriu passar filmes que tem como temática violência doméstica. Diante dessa demanda, escolhemos três produções, “Maid” que foi exibida hoje, e mais dois curtas-metragens que exibiremos na próxima semana. A intenção era mostrar essas duas perspectivas, uma produção dos Estados Unidos e outras duas do Brasil, para que elas sentissem essa diferença. Porém, com a rotatividade de mulheres em cada semana, as conversas mudam, as que viram a produção americana não estarão presentes, apenas uma ou duas delas, o que muda nosso percurso em relação a algumas questões postas na primeira parte da sessão. Semana passada falei da computação gráfica presente no filme “As Boas Maneiras”, e na sessão de hoje, uma delas, que precisou sair no finalzinho da sessão para lavar louça, me disse que percebeu essa computação gráfica no filme, na paisagem da cidade, nos prédios e no lobsomem. Percebo que a relação delas com o filme, são sempre muito intensas. Muitas vezes elas lembram de detalhes, e isso faz com que elas comentem sobre eles durante as sessões, os filmes ficam marcados em suas memórias. Antes de iniciar a sessão houve uma conversa sobre cinema e remissão de pena. A **Mulher 1** disse que estava presente na sessão pois estava esperando o juiz assinar sua condicional, que é a liberação para o cumprimento da pena em liberdade, segundo ela, se não estivesse esperando essa devolutiva do juiz, estaria na rua trabalhando. Deu para perceber a felicidade dela ao falar de sua condicional, do poder estar livre. Posso dizer que foi uma felicidade compartilhada. Ela disse

também que ninguém vai ficar na sessão apenas por um dia de remissão, elas vão pra rua, trabalhar. Em relação ao cinema, a **Mulher 1** disse que a mãe dela foi no primeiro cinema da cidade, que ficava perto do presídio, Dani disse que poderia ser o Autocine (*drive in*), que foi criado em 1972 e fica na UFMS, praticamente ao lado do presídio. Percebi que durante a sessão ninguém saiu da sala, diferente das sessões anteriores, e deu para perceber, também, que elas estavam envolvidas pela história, e isso refletiu no debate. Após minha apresentação sobre a série, a **Mulher 3** perguntou se a personagem sofria agressão física e Dani disse que essa questão seria um ótimo ponto para ser debatido ao final do episódio. Iniciamos o episódio e como sempre houveram questionamentos sobre o que acontecia em cena. Assim que a série apresenta um pouco da história da personagem, do momento que ela sai de casa após a última agressão de seu companheiro, a **Mulher 1** se questiona: “Meio do nada, como vai pedir ajuda para alguém?” após ver a mulher pegando o carro e indo embora com sua filha. Elas estavam em uma estrada no meio do nada, sem contato com outras pessoas. Nesse tipo de situação o normal seria pedir ajuda, o que não acontece muitas vezes, porque é uma questão abafada e menosprezada na sociedade. A personagem consegue arrumar um emprego, ela é “contratada”, entre aspas, pois as condições de serviço são extremamente injustas, pois o salário e os descontos não condizem com o que o trabalhador tem que fazer. Nessa cena ela está limpando a geladeira, jogando diversas frutas no lixo, frutas essas que claramente estavam boas, mas estavam indo para o lixo. A **Mulher 1** se pergunta se ela está jogando tudo fora, provavelmente com o pensamento de que elas não estavam estragadas, então porquê jogar fora. A **Mulher 2** fala que a personagem irá pegar as frutas para ela. A personagem costuma ter imaginações, de coisas que já aconteceram ou de coisas que ela gostaria que acontecesse, em uma dessas imaginações a **Mulher 1** diz: “Ela viaja, né?” percebendo que essas imaginações delas eram constantes. Vivendo em um mundo que não parecia ser o dela. Ao final da sessão, todas elas queriam saber o que iria acontecer com a personagem, como ela iria lidar com esses obstáculos. A **Mulher 3** diz querer saber se a personagem vai conquistar o objetivo dela. A **Mulher 1** disse que a personagem não vai voltar com seu companheiro porque ela pareceu decidida. Penso que ela disse isso pois em determinada cena a personagem volta para a casa do companheiro para buscar sua filha e ele tenta convencê-la de que a agressão não iria acontecer de novo, mas ela tem mais uma de suas lembranças, e revive o que fez com que ela saísse de casa. A

Mulher 3, que no início da sessão perguntou se ela sofria agressão física, disse que ela sofria pressão psicológica, percebendo que era outro tipo de agressão doméstica. **Mulher 1** disse que as marcas ficam e que já viveu isso. Ela diz: “Vai nos alcoólicos anônimos e acha que melhorou” – “A pessoa gritando com você, te oprimindo, a gente fica se sentindo diminuída”. Ela tira as situações que a personagem passa na série e traz para a sua realidade, percebendo que ela também já vivenciou essas situações. Dani perguntou em que momento a personagem percebeu que não dá para viver naquela situação mais, e a **Mulher 2** diz que ela percebe quando a agressão afeta a filha dela, porque até o momento que é só com você, é uma coisa, mas quando afeta a filha, tudo muda. A **Mulher 1** chega em outra conclusão, que a pessoa, para existir, precisa de uma casa. Penso que ela percebeu nesse episódio, que se a pessoa não tem uma casa, ela não é vista por ninguém, ela não é valorizada por ninguém, ela não tem oportunidades. Ela também fala que o custo de vida é alto, vendo que a personagem apenas gastava e não ganhava nada. A **Mulher 3** estava desvendando os próximos episódios, ela diz: “Essa série vai mostrar mais do que ela passou com o marido - Aconteceu alguma coisa com a criança daquela mulher”. Dani pergunta porque ela acha isso e ela diz que por conta das lembranças que a personagem tem, que nelas vamos descobrir mais coisas da relação dos dois. Sobre ela dizer que aconteceu alguma coisa com a criança da mulher, ela diz que acha isso porque a mulher para quem ela foi prestar serviço, tinha um quarto de bebê, mas não tinha um bebê. Ela foi a que mais ficou curiosa para saber o que iria acontecer nos outros episódios, tanto, que em um determinado momento, ela diz: “Se eu não terminar aqui, eu vou terminar na rua, no meu celular”. Dani percebeu que em determinada cena a **Mulher 2** diz que a personagem está imaginando, ao final, Dani pergunta o porquê ela achou isso, ela disse que ninguém vai chegar na casa da patroa e comer as coisas da geladeira daquela forma. Se referindo a cena que a personagem imagina estar comendo um bolo que está na geladeira da mulher para quem ela está prestando um serviço. A psicóloga entrou na sala e perguntou para a **Mulher 3** se ela tinha gostado da sessão, ela disse: “Sim, relaxa a mente, né. Melhor do que ficar só trancada”. E essa foi a primeira sessão dela. É gratificante estar ali, ouvindo todas elas, aprendendo, e percebendo que cinema é uma forma de viver o mundo, mesmo que, no momento, elas estejam sendo privadas de vivê-lo.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

-

FILME	ESTADO ITINERANTE -
ANO	2016
PAÍS	BRASIL
DIRETOR(A)	ANA CAROLINA SOARES
DURAÇÃO	27min
DATA DE EXIBIÇÃO	05 de setembro de 2023 - SÉTIMA SESSÃO

FILME	TENTEI
ANO	2017
PAÍS	BRASIL
DIRETOR(A)	LAÍS MELO
DURAÇÃO	15min
DATA DE EXIBIÇÃO	05 de setembro de 2023 - SÉTIMA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

➤ ESTADO ITINERANTE

- Violência Doméstica.
- Dificuldade em sair de uma vida de agressões.
- Rede de apoio.

➤ TENTEI

- Violência doméstica.
- A tentativa de sair do ciclo de agressão.
- Humilhação sofrida ao tentar denunciar.
- Homens que atendem mulheres que sofrem violência doméstica.

2. DINÂMICA APLICADA:

- Ao final do filme foi feita uma pergunta: “O que vocês acharam do filme?”

3. COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

➤ **ESTADO ITINERANTE**

- Eu não disse, professora, que nessa semana teriam outras mulheres - Mulher 1.
- Hoje é brasileiro, né?! Só vim porque sabia que seria - Mulher 1.
- Não gostei porque não mostrou o rosto do cara - Mulher 1.
- Não tem nenhum de São Paulo - Mulher 1.
- Não mostrou a agressão sofrida - Mulher 1.

➤ **TENTEI**

- Faz até a mulher desistir do tanto de coisa que ele falou - Mulher 1.
- Os dois têm que querer, não é porque é casado que é obrigado - Mulher 1.
- Teve coragem de denunciar, mas voltou - Mulher 3.
- Ela não falou nada, voltou e pegou o bilhete. Ficou com medo do marido - Mulher 2.
- Guardou tudo para ela - Mulher 2.
- A gente se vê mesmo que de um jeito diferente - Mulher 2. (crise de ansiedade)
- Ela deixou o café pronto para o marido - Mulher 1.

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

- Uma servidora do presídio entrou na sala onde exibíamos os filmes e disse que nenhuma delas estava querendo participar da sessão. Ela perguntou quais filmes seriam exibidos, e eu falei. Ela disse, também, que era só falar que teria comida que elas participam. Ela saiu da sala e eu a ouvi falando para as mulheres que teria pipoca e refrigerante.
- Hoje, nove mulheres participaram da sessão. Seis delas pela primeira vez e três que já haviam participado antes. Três delas chegaram no final do último filme.
- Dani perguntou como ela percebeu que a personagem ia desistir - Ela deixou o café pronto para o marido - Mulher 1
- Dani fala sobre a catarse das personagens
- Dani explica sobre estudos que comprovam que quando a mulher sofre violência doméstica, ela tenta sair de casa 7 vezes até conseguir.

- Dani falou sobre a produção cinematográfica feita nos Estados Unidos e no Brasil.

5.RELATÓRIO DA SESSÃO:

Antes de começar a sessão, uma servidora do presídio entrou na sala onde exibiríamos os filmes e disse que nenhuma delas estava querendo participar da sessão. Ela perguntou quais filmes seriam exibidos, e eu falei. Ela disse que era só falar que tem comida que elas participariam. Ela saiu da sala e eu a ouvi falando para as mulheres que teria pipoca e refrigerante. Após ela falar isso, uma mulher surgiu dizendo que participaria, mas que era só ela. Porém, quando estávamos terminando de organizar os equipamentos, outras mulheres chegaram, eram seis no total. Onde três já haviam participado e as outras três era a primeira vez. Perto de acabar a sessão, mais três entraram na sala. Sendo assim, tivemos 9 mulheres participando. Mais uma vez teve a rotatividade que toda semana tem, porém, três das que vieram semana passada, vieram hoje, também. Semana passada tiveram comentários sobre essa situação, que provavelmente as mulheres que participaram na semana passada não estariam nessa sessão. Quem falou isso foi a **Mulher 1**, e na sessão de hoje ela falou para Dani: “Eu não disse, professora, que nessa semana teriam outras mulheres?!”. O que de fato aconteceu, pois a maioria delas arrumaram emprego. Seguindo a dinâmica da sessão passada, nós exibimos hoje, dois curtas-metragens que tratam da violência doméstica. Semana passada optamos por uma perspectiva de produção americana, no de hoje optamos por exibir produções brasileiras. Havíamos explicado a dinâmica para elas na semana passada. A **Mulher 1** lembrou do que foi dito semana passada e falou: “Hoje é brasileiro, né?! Só vim porque sabia que seria”. Hoje nós exibimos dois filmes, “Estado Itinerante” e “Tentei”. Após minha apresentação, onde falei que foram filmes produzidos em Belo Horizonte e Curitiba, a **Mulher 1** perguntou: “Não tem nenhum de São Paulo?”. Me levando a pensar que os filmes dos grandes centros ainda recebem mais atenção do público. Antes de iniciar, a Dani explicou sobre a produção cinematográfica feita nos Estados Unidos e no Brasil, citando exemplos de gastos. A série dos Estados Unidos que exibimos, se utilizou de equipamentos grandiosos para ser produzida, já nos curtas produzidos no Brasil, eram os equipamentos básicos, o que, de fato, não diminui a qualidade dos filmes. Porém os modos de produção são diferentes. Começamos a sessão exibindo

“Estado Itinerante”, um filme que traz a história de uma mulher que sofre violência doméstica. Nos 27 minutos de filme, ela toma coragem, com ajuda de amigas de trabalho, a se libertar dessa situação de agressão. Mostra como uma rede de apoio é necessária nessas situações, onde a pessoa se encontra vulnerável, precisando apenas de apoio para criar coragem e ir embora. O filme não mostra nenhum tipo de agressão, apenas a personagem em sua angústia, pensando no momento que teria que voltar para casa depois do trabalho. Essa, inclusive, foi uma questão entre boa parte das mulheres, o porquê de não mostrar a agressão e nem o rosto do agressor. A **Mulher 1**, diz: “Não gostei porque não mostrou o rosto do cara, não mostrou a agressão sofrida”. Penso que isso de “ver, para crer” está em todas nós, em todo tipo de situação, inclusive na violência doméstica. Porém, é algo que necessita ser combatido, porque, para mim, é uma forma de desacreditar na vítima. Não precisamos ver ela sendo agredida para perceber que ela estava angustiada e com medo. Outro ponto que demarca essa agressão sofrida nessa personagem, é que ela só andava de blusa comprida, para esconder os hematomas. São essas coisas observadas que fazem com que não seja necessário mostrar a agressão. Que não seja apenas uma reprodução da agressão e do que a sociedade espera que seja. O outro filme exibido foi “Tentei”, que também tratava de violência doméstica, diferente do primeiro filme, onde a personagem conseguiu sair do ciclo de violência, neste, a personagem tenta, porém, não consegue. Mostrando que as realidades são diversas. Nesse caso a personagem estava sozinha, sem nenhum apoio. Quando ela decidiu sair de casa para denunciar, foi atendida por um escrivão, que após ela dizer que sofria agressão sexual, ele disse: “Você tem que entender que sexo entre casal é normal”, fazendo com que a personagem percebesse que sua tentativa de denúncia não daria em nada. Depois disso ela volta para a casa onde o agressor está. Durante a exibição houveram alguns comentários, a **Mulher 1** disse: “Faz até a mulher desistir do tanto de coisa que ele falou”, se referindo ao escrivão questionando a personagem sobre tudo. Ela percebeu que o que ele estava fazendo faria com que ela desistisse, seja por saber que ela não iria conseguir provar que sofria agressão e por medo do marido descobrir. Em seguida, a **Mulher 1** falou: “Os dois têm que querer, não é porque é casado que é obrigado”, se referindo a cena em que o escrivão fala que relação sexual entre marido e mulher é normal. O “desista” direcionado a personagem não foi literal, mas foi quase. O escrivão, desde o momento que a vítima chegou em sua sala, não parou de falar, fazendo diversas perguntas, não dando tempo para que

a vítima entendesse toda aquela situação. Foi a primeira vez que ela resolveu denunciar, ela estava completamente angustiada, dava para ver em seu semblante, porém, não foram pontos que o escrivão levou em consideração. A situação piora quando ele diz que relação sexual entre marido e mulher é normal, após ela falar que sofria constantes abusos sexuais. Perguntou se ela tinha provas de que essas situações aconteceram de fato e pediu para que ela detalhasse as situações. Ela, desnorteada, pergunta “Detalhar?”. A próxima cena é ela voltando para casa. O escrivão não falou para ela “desista de denunciar pois não vai dar em nada”, mas, a partir de todos esses questionamentos que ele fez, de todo descuidado com a vítima, ele fez com que ela desistisse de denunciar e voltasse para casa, para junto do agressor, de novo. No final do filme, a **Mulher 2** disse: “Ela não falou nada, voltou e pegou o bilhete. Ficou com medo do marido”, se referindo a personagem que voltou para casa depois da tentativa de denúncia e rasgou o bilhete que havia deixado para seu agressor. A **Mulher 2** percebeu na personagem a aflição e o medo do agressor ter lido o bilhete. A **Mulher 3**, diz: “Teve coragem de denunciar, mas voltou”. Dani explica sobre estudos que comprovam, que na maioria dos casos, as mulheres que sofrem agressão tentam sair de casa por sete vezes, mas só na nona vez que elas conseguem. A **Mulher 1**, em meio a sessão, disse que a personagem ia desistir, Dani, ao final, perguntou porque ela achava isso, ela disse que personagem havia deixado café pronto para o agressor, talvez demonstrando algum tipo de sentimento. A **Mulher 2**, diz: “Guardou tudo para ela”, se referindo a personagem que durante todo o filme falou apenas com o escrivão. Tentou, na verdade. Dani comenta sobre essas situações das duas personagens, onde uma, no primeiro filme, tem sua catarse em meio a um bar, dançando com um desconhecido, onde ela começa a rasgar sua blusa que escondia os hematomas, já a personagem do segundo filme, ao final, quando se frustra com sua tentativa falha de sair de casa, grita. Duas formas diferentes de demonstrar emoções. Ao final, quando todas saíram da sala, a **Mulher 2** ficou e disse: “A gente se vê mesmo que de um jeito diferente”. Nos explicando que tem ansiedade, e que entende a personagem quando ela guarda tudo para ela e que chega um momento que essa emoção vai sair tudo de uma vez. Nos explicou que durante a semana havia sido desligada do emprego pois devido a uma crise de ansiedade que a fez passar muito mal. Nos explicou, também, que tinha muito contato com o filho, e que sempre conversava com ele sobre fazer a coisa certa, ser responsável com suas responsabilidades. Ela se viu de alguma forma na personagem, sentindo o que ela

sentiu, mas do seu jeito. Foi a primeira vez dela participando da sessão, o que me chamou a atenção, pois, normalmente, quem participa pela primeira vez, na maioria dos casos, ficam mais reservadas na hora do debate, não falam muito ou simplesmente saem da sala assim que o filme acaba. Essa é uma situação recorrente em quase toda sessão, elas saem assim que o filme acaba, não ficando para o debate. Com ela foi diferente, foi a primeira vez dela na sessão, ficou na sala quando o filme acabou, falou sobre o filme e foi a última a sair. E se sentiu à vontade para falar sobre algo pessoal, algo que o filme fez com que ela sentisse e que ligasse com situações vividas por ela.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

-

FILME	Bollywood Dream - O Sonho Bollywoodiano
ANO	2010
PAÍS	Brasil
DIRETOR(A)	Beatriz Seigner
DURAÇÃO	83min
DATA DE EXIBIÇÃO	12 de setembro de 2023 - OITAVA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- Sair do país de origem para em busca de um sonho em outro país.
- Cinema indiano.
- Choque cultural.
- Emprego.
- Carreira profissional.

2. DINÂMICA APLICADA:

- Ao final do filme foi feita uma pergunta: “O que vocês acharam do filme?”.

2. COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- Cultura totalmente diferente – Mulher 1
- Foi legal, mas não entendi muito – Mulher 2
- Se fosse para assistir por minha vontade eu não assistiria. Meio sem pé nem cabeça – Mulher 1
- Foi atrás de um sonho – Mulher 1

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

- Uma interna me viu e falou “Hoje vai ter aquele negócio, né... eu vou”.
- Uma interna entrou na sala e começou a falar do filme, dizendo que assistia em outro presídio, mas que não era recorrente.
- 8 internas estavam na sessão, sendo que três delas já haviam participado. No final ficaram apenas 3 para a conversa.

5.RELATÓRIO DA SESSÃO:

Antes de começar a sessão, ainda do lado de fora da sala, uma das internas me viu e falou: “Hoje vai ter aquele negócio, né... eu vou”. Senti uma empolgação vindo dela, que na semana passada disse que havia gostado e que participaria mais vezes. Uma das internas entrou na sala antes de todas as outras e começou a falar de filme, dizendo que assistia em outro presídio, de outra cidade, mas que não era recorrente. Falou que gostava muito do filme “O Curioso Caso de Benjamin Button”, e que era para nós exibirmos no projeto. Oito internas estavam na sessão, sendo que três delas já haviam participado. Algumas saíram antes da sessão acabar, ficando apenas 3 para a conversa. Essa situação é recorrente, elas saem assim que o filme acaba, normalmente. Em nossa oitava sessão exibimos o filme “Bollywood Dream - O Sonho Bollywoodiano” que conta a história de três amigas que resolvem ir para a Índia em busca de um sonho, o de tentar a vida como atrizes. Porém, ao chegarem, elas sentem a questão do choque cultural, vivenciando na pele, os costumes de outro país. Elas passam por diversas situações, como a dificuldade de arrumar emprego e a difícil comunicação com a população. Ao fim, percebe-se que na verdade, todas elas estavam em busca delas mesmas, e não exatamente do sonho de ser uma atriz do cinema bollywoodiano. Ao final da sessão, a **Mulher 1** disse: “Cultura totalmente diferente”. Percebendo a diferença entre a cultura indiana e a brasileira. A **Mulher 2**

disse: “Foi legal, mas não entendi muito” as personagens eram as únicas no filme que falavam português, e isso acontecia apenas entre elas. Como elas estavam em outro país, era necessário falar outra língua para se comunicar, então elas falavam em inglês em boa parte do filme. Como não tinha legenda, ficou difícil entender algumas falas. Sempre testo os filmes antes de exibir, vi que estava sem legenda, mas pensei que havia sido uma escolha da diretora. Mas, agora, parando e refletindo sobre essa situação, talvez a melhor solução teria sido exibir outro filme. Porque, querendo ou não, dificultamos o entendimento delas sobre o filme. Porém, elas falaram que conseguiram entender qual era o intuito da história por conta dos acontecimentos. A **Mulher 1** disse: “Se fosse para assistir por minha vontade eu não assistiria. Meio sem pé nem cabeça”. Ela disse isso, mas falou que gostou do filme, também. Não deu tempo de ela aprofundar o porquê de ter achado que era “sem pé nem cabeça”, pois tiveram que sair, mas penso que tenha sido por conta da linguagem cinematográfica, ele foi completamente diferente de todos que nós exibimos. Nesse filme a diretora optou por gravar todas as cenas com a câmera na mão, o que normalmente não é usual nas produções, não durante todo o filme. Era uma ficção, mas em muitos momentos parecia um documentário, devido aos acontecimentos no decorrer das cenas e por conta da forma que a diretora decidiu filmar. **A Mulher 1**, ao final, disse: “Elas foram atrás de um sonho”, mostrando que mesmo não entendendo a linguagem do filme por muitas vezes, elas entenderam qual era o ponto principal da história.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

-

FILME	BARBIE
ANO	2023
PAÍS	ESTADOS UNIDOS
DIRETOR(A)	GRETA GERWIG
DURAÇÃO	1h54m
DATA DE EXIBIÇÃO	19 de setembro de 2023 – NONA SESSÃO

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- O papel da mulher na sociedade.

- Estereótipos.
- Gênero.
- Feminismo.
- Diversidade.
- Construção social.

2. DINÂMICA APLICADA:

- Ao final do filme foi feita uma pergunta: “O que vocês acharam do filme?”.

3. COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- Nunca vi uma Barbie gordinha – Mulher 1.
- Lembrei quando era criança, meu pai comprava Barbie para gente. Mesmo a gente não tendo condição, a gente tinha esses brinquedos - Mulher 2.
- O salário é melhor, o trabalho é melhor. O homem controla tudo – Mulher 3.

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

- Hoje a sessão começou lotada, com mais ou menos 12 internas, porém, ao longo da sessão, algumas saíram e ficaram apenas 7.
- Ao final da sessão, uma das internas que já havia participado de algumas sessões, fez a pergunta que Dani sempre faz ao final das sessões: “o que vocês acharam do filme?”. Num tom de brincadeira, pois é o que sempre acontece ao final do filme.
- Dani fala sobre as questões políticas postas no filme.

5. RELATÓRIO DA SESSÃO:

Em nossa primeira sessão no início do semestre, as internas pediram que exibíssemos Barbie, um filme que fez muito sucesso em seu lançamento. Hoje conseguimos exibi-lo, porém, de todas as internas que estavam no dia desse pedido, apenas uma estava presente hoje. A sala estava lotada, tinha mais ou menos 12 mulheres. Na última semana avisamos que o próximo filme seria Barbie, pedimos para as que participaram da última sessão chamassem as outras internas para

participar. A adesão foi grande. Antes mesmo de chegar aos cinemas, Barbie chegou ao público por meio da publicidade, notícias sobre o que o filme seria e como ele seria, fez com que seu sucesso fosse maior ainda. Sua estreia foi em julho, estamos em setembro, e ele ainda está em cartaz. Uma produção milionária, diferente de todas as produções nacionais que apresentamos para elas. A diretora do filme, Greta Gerwig, nos apresentou uma Barbie, na verdade, diversas Barbies, de uma maneira que não havíamos visto ainda, trazendo as discussões que perpassam esse mundo das bonecas, para o mundo real, para discussões reais. O filme nos apresenta qual é o papel da mulher na sociedade, quais questões perpassam esses corpos e essas vivências, de um jeito completamente claro, pontuando, também, o papel dos homens em todas essas situações. Estereótipos de mulheres e homens são trabalhados, apresentando características que demarcam essas posições de gênero na sociedade, onde um é superior e outro inferior. Barbie sempre significou uma boneca branca, magra e loira. Se pensamos em Barbie, pensamos em todas essas características, inclusive isso é pontuado no filme. Porém, o filme nos apresenta outra perspectiva, reivindicando um espaço para todos os tipos de Barbies, trazendo, essas questões, para discussões do mundo real. Trouxeram a discussão para a realidade, fazendo críticas ao patriarcado de um jeito extremamente didático. A questão do gênero é trabalhada sem nenhuma timidez, o tema ficou escancarado. Durante toda a sessão às internas fizeram comentários em voz alta sobre os possíveis rumos que o filme iria tomar, o que iria acontecer com as personagens, diversos questionamentos. Algumas internas saíram antes da sessão terminar, mais uma vez por conta das atividades que elas precisam fazer no presídio. Sendo assim, ficaram na sala apenas 7 internas. Durante a sessão, um homem, provável funcionário do presídio, abriu a porta e ficou conversando com as internas, na tentativa de fazer algum tipo de piada com elas. Ele falou algo como “vai ter pipoca, hein?!” e mais algumas coisas que eu não consegui ouvir, fazendo com que houvesse uma dispersão entre elas. Devido a essa situação, penso que talvez ele não leve o projeto a sério ou pense que não tenha nenhuma relevância, essa atitude dele demonstra um pouco desse meu pensamento. Me fazendo questionar que essa é uma outra questão que perpassa projetos que se utilizam do cinema como uma ferramenta educacional, às pessoas que estão de fora normalmente não veem como algo sério, como algo que definitivamente pode levantar questionamentos e, que sim, podemos aprender com cinema. Ao final, uma das internas que já havia participado de algumas sessões, fez a pergunta que Dani

sempre faz quando a exibição acaba: “o que vocês acharam do filme?”. Em um tom de brincadeira, pois é o que sempre acontece ao final do filme. Sinto que ela incentivou algumas mulheres a falarem, porque também houve uma participação dela a partir dessa pergunta, tornando o momento mais descontraído. A **Mulher 1** comentou: “Nunca vi uma Barbie gordinha”. No filme é colocada uma Barbie fora dos padrões impostos pela sociedade, ela não tem o corpo “perfeito”, o corpo que todos normalmente pensam para uma Barbie. A **Mulher 2** diz: “Lembrei quando eu era criança, que meu pai trabalhava como porteiro de um prédio, e aí quando as filhas dos patrões brincavam muito com as bonecas e não queriam mais, davam para gente”. A **Mulher 3**, diz: “Mesmo a gente não tendo condição, a gente tinha esses brinquedos”. Barbie sempre foi um produto que crianças específicas tinham acesso. As crianças da classe popular normalmente não tinham acesso a esses brinquedos, quando ela diz “Mesmo a gente não tendo condição, a gente tinha esses brinquedos”, resume essa condição da sociedade, de quem consegue e de quem não consegue ter acesso. Dani fala sobre as questões políticas postas no filme, e de como elas estão bastante claras. Algumas das internas ainda ficam na sala ouvindo-a falar, mas apenas uma delas fala algo nesse exato momento, sendo ela, a **Mulher 4**. Ela diz: “O salário é melhor, o trabalho é melhor. O homem controla tudo”. Ela foi uma das internas que pediu que exibíssemos Barbie. Ela percebeu as situações colocadas em cena, que refletem diretamente na vida da maioria das mulheres. O homem tem o poder e com esse poder ele também tem o controle de tudo, fazendo com que as mulheres sejam sempre submissas a eles. Em quase toda sessão do projeto que ela participou, foi uma das primeiras a sair da sala, mas dessa vez ela ficou, ela verbalizou o que sentiu do filme, mas seu corpo também falou, pois em boa parte da discussão ela estava pensativa. Talvez ela tenha sentido o filme de uma outra forma.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES SESSÕES CINECLUBISTAS NO EPFRSAAA-CG

FILME	JOGO DE CENA
ANO	2006
PAÍS	BRASIL
DIRETOR(A)	EDUARDO COUTINHO
DURAÇÃO	105min

DATA DE EXIBIÇÃO	26 de setembro de 2023 - DÉCIMA SESSÃO
------------------	--

1. TEMAS TRABALHADOS PELO FILME:

- Histórias de mulheres reais
- Atuação
- Questões sociais
- Religião
- Relações familiares
- Relação mãe e filhos
- Questões ligadas ao corpo da mulher
- Gravidez

2. DINÂMICA APLICADA:

- Ao final do filme foi feita uma pergunta: "O que vocês acharam do filme?"

3. COMENTÁRIOS DAS INTERNAS:

- A mãe não abandona o barco, o pai sim. Mulher 3
- Qual objetivo disso? Mulher 3
- Mãe biológica, não consigo falar com ela, esboçar sentimento. Mulher 3 (questão pessoal)
- Me identifiquei com todas. Mulher 3
- Fiquei feliz que sou normal. Mulher 3
- Não gosto muito, ela só fala da vida dela e não escuta. Mulher 3
- Faço faculdade de assistência social e vou terminar. Mulher 3 (falou sobre sua vivência no emprego, na hora do almoço faz ligação para filha e faz atividades da faculdade ao mesmo tempo)
- Lar desestruturado causa esses problemas sobre ir para outros caminhos. Tive tudo, mas mesmo assim fui por esse caminho. Mulher 3 (falou da mãe biológica e do pai e da mãe adotiva)
- Já participei de um curta metragem como atriz. Mulher 2
- Vem sábado, vem domingo, vem na terça. É bom né, sair um pouco daqui. Mulher 1
- Ela me interessou, é quase eu. Mulher 1 (viu eu testando o filme e viu uma personagem)
- Espera que vou chamar minha amiga - Mulher 1

4. PONTOS QUE PODEM SER IMPORTANTES:

Ao ser convidada pela psicóloga a mulher 3 apresentou uma resistência, mas no fim acabou indo a sessão e me perguntou qual era o intuito do projeto. Ao fim ficou e nos contou histórias de sua vida.

5. RELATÓRIO DA SESSÃO:

Hoje, em nossa décima sessão, exibimos o documentário “Jogo de Cena” que tem como perspectiva entrevistar mulheres reais e fazer com que atrizes renomadas recontem essas histórias de suas maneiras, entrelaçando as histórias, nos mostrando, talvez, que são histórias passíveis de acontecer com qualquer mulher. O diretor entrevista variadas mulheres, com histórias diversas, onde elas trouxeram questões sobre relações familiares, relação entre mães e filhos, gravidez precoce, questões ligadas com o corpo da mulher e religião. São histórias de mulheres que se confundem umas com as outras, trazendo para o espectador diversas reflexões. Assim que eu cheguei na sala para organizar os equipamentos, uma das internas entrou na sala e começou a conversar comigo, me perguntou qual seria o filme e ficou me observando. É preciso realizar o teste do filme para ver se tudo estava funcionando bem, e ela está lá, observando. Assim que deu o horário e outras mulheres começaram a entrar, a **Mulher 1** que estava me observando organizar os equipamentos, disse “Espera que vou chamar minha amiga” penso que talvez ela tenha gostado das partes que viu da hora do teste e resolveu ir chamar a amiga para verem juntas. Algumas internas perdem as sessões por diversos motivos, às vezes estão dormindo, outras vezes falam que esqueceram e outras vezes falam que ninguém chamou. Ao voltar, a **Mulher 1** disse “Ela me interessou, é quase eu”. Durante o teste, ela viu uma das personagens contando sua história, era uma mulher preta, de estatura mediana e jovem. Ela se identificou com ela de alguma maneira. Talvez pela aparência, talvez pela história que estava sendo dita e como estava sendo dita. Explicamos o que seria o filme, e uma das mulheres que estavam lá, que era muito jovem e estava sendo a primeira vez dela lá, disse “Já participei de um curta-metragem”. Perguntei o que ela havia feito na produção e ela disse que participou como atriz. Era uma questão que poderíamos ter discutido mais ao final da sessão, mas ela saiu da sala ainda no início, assim que o filme iniciou. Durante a sessão uma interna entrou na sala, eu nunca havia visto ela na sessão, era a primeira vez. Ela sentou do meu lado e perguntou: “Qual o objetivo disso?” No início fiquei sem entender o que ela estava querendo saber, mas depois entendi que era sobre o projeto. Expliquei qual era o intuito do projeto e ela continuou na sala, aparentando estar gostando do filme. Ao fim da sessão ficaram apenas duas mulheres da sala, a que me viu fazendo os testes e a que entrou e perguntou qual era o objetivo do projeto. Mulher 1 e Mulher 3. Durante o debate a **Mulher 3** foi a que mais falou, fazendo ligações do filme com sua vida. Ela disse: “A mãe não abandona o barco, o

pai sim” se referindo ao que ela viu no filme, em uma história que a personagem diz que o pai de seu filho não era presente. Ela disse que não tinha contato com o pai, e que já tentou uma aproximação, porém sem sucesso. Uma personagem do filme disse que tinha sérios problemas com a filha, que não eram próximas e que não conseguiam ficar juntas por muito tempo. Ao final, a **Mulher 3** falou dessa personagem e nos contou a história da relação dela com a mãe. Disse que não tinha contato com a mãe biológica, e que quando esse encontro acontecia, problemas apareciam. Ela disse ter sido adotada ainda criança, por uma amiga de sua mãe. Disse também que sua mãe já havia estado na mesma situação que ela, em privação de liberdade. Por conta de diversos acontecimentos, ela não conseguia ter essa aproximação com a mãe, não conseguia esboçar sentimentos, segundo ela. Ela disse que a mãe adotiva fez de tudo para ela, e que não fazia sentido ela ter seguido pelo caminho que a levou para a prisão, mas logo seguida ela lembrou da relação com sua mãe e seu pai e disse: “O Lar desestruturado causa esses problemas”. Ela também nos falou sobre sua relação com o emprego, faculdade, filha e esposo: “Faço faculdade de assistência social e vou terminar”. Ela disse que durante o intervalo do emprego faz as atividades da faculdade e conversa com a filha pelo celular ao mesmo tempo, pois aquele é o único momento que tem para realizar seus trabalhos da faculdade e falar com a filha e o esposo. Ela também disse que se identificou com todas as mulheres do filme e que ficou feliz que era normal. Segundo a psicóloga, ela havia chamado a Mulher 3 para as sessões, mas ela apresentava uma resistência, porém, nesse dia, ela decidiu ir. Foi a primeira vez dela e aconteceu dela nos relatar histórias de sua vida, não sentindo vergonha ou receio de conversar com pessoas que ela estava vendo pela primeira vez. A psicóloga entrou na sala e elas começaram a conversar entre si. A Mulher 3 disse para psicóloga que não havia gostado de uma atividade realizada no presídio, pois a pessoa que estava à frente da atividade falava apenas de sua vida e não deixava ninguém mais falar. Percebi naquela fala e em toda situação anterior, quando ela nos contou histórias de sua vida, que essas mulheres que estão ali, querem e precisam ser ouvidas, seja da maneira que for. Ao saírem da sala, a **Mulher 1** disse: “Vem sábado, vem domingo, vem na terça. É bom né, sair um pouco daqui.” O projeto se mantém pois sabemos da importância do cinema e do que ele é capaz de causar, e quando essas mulheres verbalizam o que sentem, quando elas falam que querem mais sessões, vemos que tudo faz sentido.